



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOSILENE MATEUS DUARTE

**OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA NO DISPOSITIVO MATERNO: A
MANUTENÇÃO DO MODELO DE “BOA MÃE” NO @CANTOMATERNAR**

CAJAZEIRAS - PB

2022

JOSILENE MATEUS DUARTE

**OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA NO DISPOSITIVO MATERNO: A
MANUTENÇÃO DO MODELO DE “BOA MÃE” NO @CANTOMATERNAR**

Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemere Olimpio de Santana

CAJAZEIRAS - PB

2022

D182m	<p>Duarte, Josilene Mateus</p> <p>Os modos de subjetivação feminina no dispositivo materno: a manutenção do modelo de “boa mãe” no @cantomaternar / Josilene Mateus Duarte. - Cajazeiras, 2022.</p> <p>73f. : il. - Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Rosimere Olímpio de Santana. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2022.</p> <p>1. Maternidade. 2. Criação de apego 3. Dispositivo materno. 4. Redes sociais. 5. Instagram. 6. Mídia. I. Santana Rosimere Olímpio de. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 159.9:618.2

**OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA NO DISPOSITIVO MATERNO: A
MANUTENÇÃO DO MODELO DE “BOA MÃE” NO @CANTOMATERNAR**

09/02/2023

Professora Dra. Rosimere Olimpio de Santana
(Orientadora)

Professora Dra. Ana Lunara da Silva Morais
(Examinadora interna)

Professora Dra. Kássia Mota de Sousa
(Examinadora interna)

Professora Dra. Mariana Moreira Neto
(Suplente)

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dedico esse trabalho a Deus e a minha família, em especial aos meus avós paternos, e aos meus avós maternos (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo, e assim como quase todos os estudantes que conseguem terminar de escrever um TCC, a Deus, e esse agradecimento não é por pura conveniência nem por motivos clichês como se costuma fazer, mas por tudo que ele permitiu que eu superasse até aqui, pois apesar dos inúmeros dias difíceis (e não foram poucos, viu!) só para mencionar alguns, tais como ônibus lotado, crises existências no meio das aulas, poucos recursos financeiros, Covid-19 (sinceramente, eu aguardava ansiosa pelos dias de glória), apesar de tudo, o sonho de me formar numa Universidade Federal tornou-se possível. Então, Deus obrigada por tudo, obrigada mesmo por cuidar de mim nos mínimos detalhes sabe, obrigada por me ajudar nessa minha jornada longa, difícil, e estranhamente divertida.

Agradeço também a minha família, aos meus avós, em especial os paternos que cuidaram de mim e fizeram o possível para esse sonho tornar-se real, obrigada de verdade (painho e mainha) por sempre me incentivar e dizer pra mim que as coisas iriam se resolver. Agradeço por todas as vezes que vocês pediram pra não fazerem barulho por que eu estava estudando, obrigada por me lembrar que eu precisava estudar pra ter uma profissão digna, obrigada por fazerem o possível por mim. Externo também os meus mais sinceros agradecimentos aos meus avós maternos (*in memoriam*) que ficaram felizes de mais quando eu comecei estudar na Universidade, mas infelizmente não puderam ver sua neta se formando, obrigada por isso, vovô e vovó.

Agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram nos estudos, a mainha por sempre dizer a todo mundo que tem uma filha muito inteligente e a painho por sempre dizer que vai fazer o que ele puder por mim, podem ter certeza que isso me ajudou a não sair correndo e desistir, obrigada painho e mainha, meu sentimento em relação a vocês é de muita gratidão, por me ajudar em tudo e por me ensinar a ser teimosa e insistir nos meus sonhos. Agradeço também as minhas irmãs (de sangue e de coração) que sempre me deram força e me incentivaram a prosseguir em todas as circunstâncias da minha vida, Duda, Adninha, Jocy, Titia e Nina. Agradeço ao meu noivo, que também fez o que pôde por mim, obrigada Douglas por todo companheirismo e por me apoiar e me ajudar na concretização desse sonho e de muitos outros.

Agradeço aos demais familiares, tios, primos e amigos que também me ajudaram nessa jornada. Agradeço as meninas da sala, em especial Erika e Mickaelly que desde o começo da graduação estiveram comigo, obrigada por todo apoio e amizade. Agradeço as meninas do PIBIC que fizeram pesquisa comigo, e se tronaram também amigas queridas, especialmente Vitória Brenda que tantas vezes me ouviu. Não poderia deixar de agradecer a

Jackeline por tantas palavras de conforto ao longo do Ensino Médio e da minha graduação, obrigada Jack, pelos muitos anos de amizade. Agradeço ao meu amigo Manoel por todas as vezes que me ajudou durante a graduação, em especial na abertura de processos no sistema da Universidade, sem sua ajuda as coisas teriam se tornado mais difíceis.

Agradeço a todos os meus professores do CFP que com os seus conhecimentos contribuíram para a minha formação, em especial a minha orientadora professora Dra. Rosemere Olimpio de Santana, por aguentar meus surtos durante o PIBIC e na escrita desse trabalho, obrigada por toda paciência e contribuição que trouxe a essa pesquisa Rose, espero que um dia eu me torne uma professora como você. Também externo os meus agradecimentos aos professores Neto e Osmar que me orientaram na escrita do meu Projeto de Pesquisa, apesar dele não ter se tornado o meu Trabalho de Conclusão de Curso, ele foi crucial para o meu crescimento acadêmico.

Agradeço aos programas de permanência acadêmica, sobretudo ao PAEG que garantiu minha permanência na Universidade desde o primeiro período do curso. Agradeço também ao Projeto de Iniciação Científica financiado pelo CNPq, que me permitiu ser pesquisadora bolsista por algum tempo, enfim, obrigada, obrigada e obrigada.

Mulher, como você se chama? – Não sei.
Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.
Para que cavou uma toca na terra? – Não sei.
Desde quanto está aqui escondida? – Não sei.
Por que mordeu o meu dedo anelar? – Não sei.
Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? – Não sei.
De que lado você está? – Não sei.
É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.
Esses são teus filhos? – São.

Vietnã / Wislawa Szymborska

RESUMO

Ao longo do processo histórico, podemos analisar várias maneiras de se inscrever a mulher na sociedade, mas a maternidade talvez seja a mais mencionada. Embora presente nos debates com relação ao feminino, a maternidade é um assunto que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões contemporâneas, sobretudo nas mídias digitais, pois não é um assunto que interessa apenas as mulheres mães. Essas discussões tornaram-se possíveis pelo fato de ter ocorrido ao longo da história mudanças no que concerne a concepção que se tem sobre a maternidade, sabendo que essas mudanças são efeitos de discursos e interesses sociais diversos. Nesse sentido, esse trabalho vai buscar analisar o perfil de livre acesso na plataforma do Instagram da influenciadora digital Maíra Soares, o @cantomaternar, que mediante a seleção de algumas de suas postagens buscamos problematizar de que forma o dispositivo materno aciona essa ferramenta midiática, produzindo determinados sentidos sobre a maternidade e conseqüentemente subjetivações para as mães que o acompanham. Utilizando-se como base teórica autoras como Marcello (2009), Braga (2020), Meyer (2003), Alves (2015), Scavone (2016), Souza (2020), Mendonça (2021) e Leite (2020) que nos ajudaram a pensar conceitos caros para esse trabalho, como Dispositivo materno, Politização da maternidade, Criação com apego e muitos outros.

Palavras-Chave: Maternagem; Criação com Apego; Dispositivo materno; Mídia; Instagram.

ABSTRACT

Throughout the historical process, we can analyze several ways of inscribing women in society, but motherhood is perhaps the most mentioned. Although present in debates regarding the feminine, motherhood is a subject that has been gaining more and more space in contemporary discussions, especially in digital media, as it is not a subject that only interests women mothers. These discussions became possible due to the fact that changes have occurred throughout history regarding the conception that people have about motherhood, knowing that these changes are the effects of different discourses and social interests. In this sense, this work will seek to analyze the free access profile on the Instagram platform of the digital influencer Máira Soares, @cantomaternar, which, through the selection of some of her posts, we seek to problematize how the maternal device triggers this media tool, producing certain meanings about motherhood and consequently a subjectivation for the mothers who accompany him. Using as theoretical basis authors such as Marcello (2009), Braga (2020), Meyer (2003), Alves (2015), Scavone (2016), Souza (2020), Mendonça (2021) and Leite (2020) who helped us thinking about expensive concepts for this work, such as maternal device, politicization of motherhood, ecopolitical discourses, creation with attachment and many others.

Keywords: Mathering; Creation with Attachment; Maternal Device; media; Instagram.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE A MATERNIDADE COMO UMA QUESTÃO BIOLÓGICA.....	48
Figura 2 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE UM COMENTÁRIO DE UMA SEGUIDORA	49
Figura 3 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR DA BIOGRAFIA DO PERFIL	52
Figura 4 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR DEPOIMENTOS DE MÃES QUE COMPRARAM O CURSO.....	55
Figura 5 - CAPTURA DE TELA DO GRUPO DE WHATSAPP DA LISTA DE ESPERA DO CURSO OFERTADO POR MAÍRA	56
Figura 6 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE OS BENÉFICIOS DA CRIAÇÃO CONSCIENTE	60
Figura 7 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE A QUEBRA DE PADRÕES TRADICIONAIS NA CRIAÇÃO DE FILHOS	62
Figura 8 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE PADRÕES CORRETOS E ERRADOS NO MATERNAR.....	63
Figura 9 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR COMENTÁRIO DE UMA SEGUIDORA.....	64
Figura 10 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE A NECESSIDADE DE SER EXEMPLOS PARA OS FILHOS	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A MATERNIDADE EM FOCO: O MATERNAR NA MIRA DO CAMPO DE ANÁLISE	15
1.1 Gênero e História das mulheres	15
1.2 E a maternidade, como situa-se enquanto produção acadêmica?	19
1.3 A maternidade como uma urgência histórica.....	24
2 MATERNIDADE E MÍDIA	30
2.1 O boom das mídias digitais e o seu efeito na vida das pessoas	30
2.2 A maternidade que as mídias digitais constroem.....	37
2.3 A politização da maternidade: o que é ser uma boa mãe?	43
3 OS MODOS DE INSCREVER A MATERNIDADE NO INSTAGRAM: ANALISANDO O PERFIL @CANTOMATERNAR	51
3.1 Apresentando o @cantomaternar	51
3.2 O @cantomaternar e a criação com apego	56
3.3 O dispositivo materno no @cantomaternar	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma extensão do trabalho de pesquisa realizado pelo projeto intitulado de “Modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade: analisando perfis no Instagram e a manutenção do modelo de boa mãe”, com o apoio do PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq na Universidade Federal de Campina Grande (Centro de Formação de Professores – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – Curso de Licenciatura Plena em História) orientado pela professora Dra. Rosemere Olimpio de Santana.

Dito isso, o trabalho tem como objetivo geral problematizar como o dispositivo da maternidade é acionado nas redes sociais, sobretudo no Instagram, de forma a produzir modos de subjetivação feminina peculiares. Assim, torna-se interessante analisar de que maneira os sujeitos-mães participam ativamente da constituição normativa do dispositivo materno, objetivando e sendo objetivados por elas, regulando e sendo regulados por elas.

Em determinado momento ao longo do desenvolvimento desse trabalho me surgiu um questionamento interessante, que procurava saber o porquê de ter escolhido esse tema dentre tantas outras possibilidades de pesquisas acadêmicas que podem surgir ao longo de uma graduação, tendo em vista que uma questão como a maternidade é vista como algo bem “natural” na vida de uma mulher, não sendo considerado, portanto, como um tema interessante a ser problematizado por alguns. Com isso, chega-se a conclusiva de quanto estranhamento pode causar uma mulher que não tem filhos escrever justamente sobre a maternidade, e fazer disso o seu trabalho de conclusão de curso.

Sendo assim, hoje já se pode perceber que a questão da maternidade e do sujeito-mãe são temas muito discutidos na sociedade contemporânea, e isso só foi possível por motivos de mudanças históricas em torno da temática. Com isso, esses temas são efeitos de discursos e contingências sociais, culturais e econômicas específicas, sendo assim, as atitudes da mulher mãe vão se modificando ao decorrer da história em relação aos filhos. Seja por motivos políticos, econômicos, filosóficos e sociais essa mudança ocorreu estrategicamente (MARCELLO, 2009).

Com isso, será analisado no trabalho o perfil de livre acesso no Instagram @cantomaternar, que trata principalmente do tema da maternidade, escolhido mediante os seguintes critérios estabelecidos, por ser um perfil profissional que possui o objetivo de

“vender” a sua proposta sobre o maternar e sobre a infância especialmente através de “mentorias”; por ser um perfil de uma mulher-mãe que não possuía formação inicial na área e nem a pretensão de tornar-se empreendedora desse tipo de “negócio”; tendo em vista que ela possui formação acadêmica em outra área totalmente diferente desta; por expressar um discurso cuja a finalidade é de ajudar mães a salvar as relações com os filhos, ao mesmo tempo em que essa “ajuda” vem acompanhada de formas de ordenamentos e condutas de corpos femininos.

Dito isso, o Instagram se tornou uma das plataformas digitais mais acessadas e por isso, assume hoje o espaço de disseminador de opiniões, possui inúmeros recursos, dentre eles o das imagens, publicação de textos e muitas outras funções, tornando a disseminação dos discursos sobre a maternidade e tantos outros possíveis. É nesse território digital que muitas mulheres possuem a possibilidade de levar discussões e se sentem à vontade para falar de suas experiências maternas. É visível o aumento no número de perfis que pretendem falar da maternidade, seja mulheres mães narrando o seu cotidiano e atrelando ao que denominam de “maternidade real”, seja de perfis profissionais. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe analisar o perfil no Instagram @cantomaternar, criado e administrado pela influenciadora digital Maíra Soares, que trata principalmente do tema da maternidade e da relação mãe-filho, que mediante a seleção de algumas de suas postagens buscamos problematizar de que forma o dispositivo materno aciona essa ferramenta midiática, produzindo determinados sentidos sobre a maternidade e consequentemente uma subjetivação para as mães que o acompanham.

Nessa pesquisa o conceito de dispositivo, define-se, portanto, por qualquer coisa que venha viabilizar a governabilidade, assim, seria, portanto a capacidade de capturar, orientar, determinar, moldar e controlar as condutas, discursos e opiniões das pessoas. Nesse sentido, os dispositivos acabam desempenhando um papel decisivo nos processos de subjetivação de um indivíduo (GONZALEZ e LOPES, 2020).

Mediante a isso, observando historicamente a relação da mulher mãe com os filhos, se percebe que é apenas a partir do século XVIII que a concepção da maternidade começa a se modificar. Em concordância com essa afirmativa, Marcello (2009) ressalta que foi no século XVII que a noção de maternidade tornou-se uma urgência com a formação e consolidação dos Estados nacionais, e a partir do XVIII que essa concepção vai tornar-se essencial para criar e produzir cidadãos que seriam a futura riqueza do Estado.

Em vista disso, observando a estrutura das famílias aristocráticas dos séculos XVI e XVII, as crianças eram costumeiramente inseridas nos ambientes produtivos dos adultos, não havendo uma preocupação com uma educação exclusiva para os filhos por parte das mães. É

apenas com o advento da Revolução Industrial que esses agentes vão ser retirados da vida comum com os adultos, e vão começar a ser produzidas uma série de literaturas sobre a importância da conservação da criança para o fortalecimento das famílias. (RESENDE, 2017)

Agora, nesse processo vai se tornar imprescindível o incentivo às famílias, sobretudo às mães, sendo elas responsabilizadas pelo cuidado e manutenção da vida das crianças, assim foram inseridos na sociedade discursos nos quais relacionam o amor e a maternidade como elementos indissociáveis um do outro. Logo, a partir de elementos da História e da ciência, foi possível para o corpo da mulher serem promovidas condições em que a maternidade se tornou uma função biológica, fazendo com que o sujeito-mãe dialogasse diretamente com o sujeito-mulher, fato que marca a concepção da maternidade do século XIX até os dias atuais (MARCELLO, 2009).

Assim, essa grande produção discursiva em torno da mulher e da maternidade que vem ganhando força na contemporaneidade, vem sendo ressignificada ao longo do tempo e sugere modos específicos de ser, onde não é incitada apenas a promoção de um sentimento materno em relação aos filhos, mas como mostra Alves (2015) à mulher-mãe acaba sendo inscrita em um regime de vigilância e regulação de determinados modos de viver e sentir a maternidade, sendo quase sempre responsabilizadas exclusivamente pela sobrevivência e bem estar dos filhos.

Por conseguinte, os estudos de Souza (2020) vêm mostrando que a cultura midiática ocidental ainda valoriza e muito o papel da boa mãe, criando com isso, discursos que associam à maternidade a dedicação e a plenitude, em detrimento a assuntos que discutam questões mais profundas em torno da temática. Portanto, espera-se que as mulheres sejam maternais, altruístas, ternas e zelosas com o cuidado dos filhos.

Destarte, Braga (2020) ressalta que a vasta atividade comunicacional online fez com que várias mulheres criassem perfis na internet voltados ao tema da maternidade. Com isso, se pode perceber que o ambiente digital foi apropriado por mulheres, que resgataram uma prática social que até então estava naturalizada e subalternizada, tratada como fútil pelos homens.

O tema da experiência materna entre mulheres no contexto social se tornou facilmente ligada a uma perspectiva tradicional da feminilidade, que se relaciona com a vida doméstica. Desta forma, na medida em que a maternidade e o cuidado infantil como tópico de conversa parece ter perdido espaço nos contextos sociais tradicionais, a Internet apresenta ambientes sociais, locais de encontro e tematização da maternidade, livres da conotação pejorativa, uma vez que se articulam aos significados positivamente valorados da atualização tecnológica e da participação na esfera pública midiática. (BRAGA, 2020, p. 26).

Outrossim, nesse novo cenário das mídias digitais tornou-se mais fácil para as mulheres mães ter acesso a informações e também compartilhá-las, contudo, ele também criou espaços que reproduzem subjetivação de identidades maternas. Dito isso, a coleta de dados sobre o @cantomaternar ocorreu inicialmente através de um monitoramento diário das publicações postadas no feed do Instagram do dia 1 de janeiro de 2022 ao dia 12 de março de 2022.

Logo após esse monitoramento, buscou-se observar as postagens, comentários, stories, lives e cursos que a influenciadora divulgava tanto no Instagram como em outras plataformas, assim como em grupos de WhatsApp e no Blog Canto Maternar, afim de identificar quais conteúdos mais relacionaram a experiência materna a feminilidade e que produziam subjetivação das mulheres mães. Por isso, todo esse conteúdo foi selecionado mediante o impacto que causaram, como as publicações que mais receberam comentários, as postagens que mais tiveram receptividade das seguidoras, os cursos que mais foram divulgados e os grupos do WhatsApp que mais receberam participantes.

Nesse sentido, iremos analisar o perfil de maneira a problematizar algumas postagens que nos ajudaram a pensar como o dispositivo da maternidade cria representações do sujeito mãe, utilizando algumas técnicas, como as técnicas de enunciação que convida o sujeito mãe a falar sobre si, do autocontrole que induz a mulher mãe a se autorregular para cuidar melhor do filho, e a técnica de auto-organização que propõe a mulher se organizar para desempenhar uma capacidade maior de desenvolver uma maternidade mais dedicada, tendo em vista que técnicas como essas ajudam a produzir maternidades normativas.

Assim, esse perfil atua na pesquisa como um meio para entender e problematizar quais os discursos que estão sendo produzidos sobre a maternidade nas mídias, sobretudo no Instagram, pois ao mesmo tempo em que ele acaba por se inserir em discursos que o inscrevem na “maternidade real” e critica um determinado dispositivo da maternidade, ele também ajuda a produzir outras maneiras e ressignificações desse mesmo dispositivo.

Para citar alguns dos trabalhos que foram de grande valor para essa discussão, utilizamos as obras de autoras como Marcello (2009) e Braga (2020), que discutem o conceito foucaultiano de dispositivo e sua relação com a maternidade nas mídias digitais. Os trabalhos de Meyer (2003), Alves (2015) e Scavone (2016) sobre as novas formas de politizações contemporâneas da maternidade, assim bem como os trabalhos de Souza (2020) que trás um panorama geral da maternidade ao longo da história, Mendonça (2021) que fala sobre os pressupostos que tornam a maternidade patriarcal e o trabalho de Leite (2021) sobre as novas formas de exercer a maternidade no Instagram, entre tantos outros trabalhos que foram

cruciais para o desenvolvimento da pesquisa.

O trabalho é composto por três capítulos, destarte, o primeiro capítulo se propõe falar inicialmente sobre a historiografia em torno dos estudos de gênero, buscando demonstrar que a maternidade não era um tema que ganhava tanta atenção nesses trabalhos, tendo em vista que discussões como essas se constituem em um campo de poder e disputas. Dessa forma, a partir de um breve levantamento dos estudos historiográficos sobre a maternidade, pode-se entender que se até então ela não era um assunto emergente, por motivos de responder a interesses específicos, agora se torna imprescindível que esse assunto se torne alvo de inúmeros debates, onde muitas autoras de diversas áreas vão se propor escrever sobre ele. Desse modo, buscamos historicizar como a maternidade foi sendo entendida ao longo do tempo e como a partir disso, vai sendo construído um dispositivo, que por suas linhas discursivas cria maneiras de regular o sujeito mãe, moldando sentimentos e comportamentos que uma mãe deve obter em relação aos filhos.

No segundo capítulo buscamos falar sobre a maternidade nas mídias digitais e como o dispositivo materno é operacionalizado nessas mídias, em especial nas redes sociais, ressaltando o impacto que esses avanços tecnológicos proporcionaram nas sociabilidades humanas, e como os discursos que circulam nesse meio digital, assim bem como nos perfis do Instagram sobre maternidade interferem na subjetividade das mães que os consomem, construindo assim, as bases do que é ser mãe na contemporaneidade, ditando de diversas formas, maneiras específicas de ser uma “boa mãe”.

No terceiro capítulo nos propomos falar sobre os sentidos de maternidade que perfis no Instagram criam sobre o maternar, especificamente no @cantomaternar, objeto de análise nessa pesquisa. Nesse sentido, iremos analisar o perfil de maneira a problematizar o conteúdo produzido por ele, pensando como o dispositivo da maternidade operacionalizado nas mídias digitais cria representações do sujeito mãe. Embora, seja analisado nessa pesquisa apenas um perfil dentre os muitos analisados, as escolhas do mesmo, além das já apresentadas é o grande número de publicações das postagens, em média cinco a sete por dia, além de sua administradora centralizar seu trabalho na auto regulação dos sentimentos dos cuidadores, em especial as mães. Questão que será analisada nesse capítulo.

1 A MATERNIDADE EM FOCO: O MATERNAR NA MIRA DO CAMPO DE ANÁLISE

1.1 Gênero e História das mulheres

Diversos autores concordam que as mulheres foram excluídas da História por muito tempo, por isso, Margareth Rago (1995) afirma que a inclusão recente das mulheres na historiografia tem evidenciado a presença feminina em diversos acontecimentos históricos, e para, além disso, houve um alargamento do próprio discurso historiográfico que até então pensava o masculino como universal.

Dada essas transformações na historiografia, juntamente com a explosão do feminismo no final da década de 1960 foi marcada a emergência da História das Mulheres, sobretudo nos Estados Unidos onde se desencadeou o movimento feminista, se espalhando por diversas partes do mundo. Assim, as reivindicações propostas pelo movimento gerou uma grande demanda por informações, causando mobilizações e a busca por cursos que abordassem os estudos das mulheres nas universidades (PEDRO, 2007).

Por consequência disso, pode-se perceber a partir de 1973 nas universidades francesas colóquios e grupos de reflexões que se propunham discutir a história relacionada ao feminino, fazendo com isso, que se multiplicassem as pesquisas em torno da História das Mulheres e que o campo de estudo fosse reconhecido institucionalmente.

Dito isso, Rago (1995) se propõe traçar um panorama da historiografia em torno da História das Mulheres, explicitando o fato de que a produção historiográfica sobre elas toma como ponto de partida referências teórico metodológicas provindas da história social, fortemente influenciada pelo marxismo.

Para Joana Maria Pedro (2007) a história social se preocupou em dar visibilidade às identidades coletivas de muitos grupos sociais excluídos da História, assim como as mulheres. Com isso, a emergência de campos de estudos como a história das mentalidades e da história cultural contribuiu para o avanço da abordagem do feminino, fazendo com que a interdisciplinaridade tenha um papel importante nos estudos relacionados a esses agentes.

Por isso, a partir da década de 1970 buscou-se observar a presença feminina no cotidiano da vida social, sendo valorizadas temáticas que falavam sobre a entrada feminina no mercado de trabalho e as formas perversas da sua permanência, temas como salários inferiores aos dos homens e assédio sexual eram corriqueiros nessas produções. A obra “A

Mulher na Sociedade de Classes” de Helieth Sofioti é tida como a obra percussora do estudo da História das Mulheres, publicada em 1969 se propunha analisar a sociedade por meio da teoria do patriarcado, buscando mostrar a opressão masculina e do capitalismo sobre as mulheres (MATOS, 2013).

Portanto, essas obras pretendiam denunciar a opressão masculina e capitalista sobre as mulheres, contudo, isso pouco as situavam como sujeitos históricos, conscientes e atuantes. No cenário brasileiro, a obra que inaugurou a entrada das historiadoras no estudo sobre a História das Mulheres foi à obra *“A mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e políticas”*, no ano de 1981 de June e Mahner (RAGO, 1995).

Apesar de Rago (1995) afirmar que no Brasil a obra inaugural desses estudos ter sido publicada apenas em 1981, para Pedro (2007) desde a década de 1970 que constata-se estudos sobre a História das Mulheres no Brasil, quando em 1975 o *Jornal Opinião* informava a apresentação de dez comunicações de pesquisas sobre as mulheres brasileiras, dois simpósios, uma conferência e duas reuniões extras.

Outrossim, ao longo de 1980 foram incorporados a historiografia feminina abordagens diversas, sendo recobrados poderes e lutas das mulheres. Foi nesse período que a historiografia buscou dar visibilidade as experiências femininas, mostrando a opressão histórica sobre elas. No entanto, essas produções reforçavam de certa maneira uma vitimização em torno da figura feminina e por outro lado, uma visão de rebeldia e onipotência, que situava muitas vezes as mulheres numa situação de heroicização (MATOS, 2013). Destaca-se nesse rol de produções, obras como *“Quotidiano e Poder em São Paulo do Século XIX”* de Maria Odila Leite da Silva Dias, *“Do Cabaré ao Lar”* de Margareth Rago, e muitas outras obras de autoras como Maria Izilda Santos Matos e Mary Del Priore.

Consoante a essa discussão, é nessa mesma década que Margareth Rago (1995) afirma que “O estudo da história das mulheres adquire estatuto próprio, afirmando-se como área de interesse na academia, e passa a participar mais intensamente da construção da noção de uma cultura das mulheres. (p.84)”

É nessa perspectiva que a tradução da obra da historiadora Joan Scott na década de 1990 tornou-se muito conhecida e trouxe inúmeras contribuições para o estudo das mulheres no Brasil, em que Rago (1995) evidencia que a historiadora lança uma crítica sobre a forma que as mulheres estavam sendo incorporadas nesses estudos, sendo retratadas na maioria das

vezes como excêntricas e românticas, vivendo a sombra dos homens. Assim, a construção da História das Mulheres enquanto figuras sociais e culturais estava sendo inviabilizada, uma vez que elas estavam sendo situadas numa espécie de essencialização.

Pois bem, é nessa visão que os estudos feministas vão se aproximar da história cultural, buscando com essa nova proposta teórico metodológica considerar as diferenças sexuais enquanto construções culturais. Além disso, propondo mostrar as relações de gênero enquanto relações de poder (RAGO, 1995).

Nos anos de 1990 e início da década seguinte foi o período da construção do conceito de gênero enquanto campo de pesquisa, por conseguinte, a expansão dessa área de investigação acabou gerando novos questionamentos, renovações temáticas e metodológicas. Assim, foi possível nessa perspectiva a ampliação do significado histórico no que concerne a descoberta de temas, documentos e estratégias de pesquisa (MATOS, 2013). Destacam-se, portanto, autores como Furtado (2003), Leite (1984) e muitos outros que contribuíram para que se multiplicassem pesquisas em torno das experiências femininas em diversas perspectivas.

Apesar da obra de Joan Scott ter inaugurado no Brasil as discussões em torno das relações de gênero, assim bem como Joana Maria Pedro (2007) afirma o trabalho de Scott não foi o único no país a se aventurar nesse novo campo de análise, para além dessa autora, historiadoras brasileiras também fizeram seus ensaios que auxiliaram essa discussão ao longo do tempo.

Além disso, a autora mostra que para constituição desse campo de conhecimento no Brasil houveram iniciativas de pesquisadoras que se interessavam pelo tema, constituindo Grupos de Trabalho (GTs) em torno dos estudos de gênero de níveis nacionais e regionais que se articularam e passaram a discutir um número significativo de trabalhos, mostrando a vitalidade do campo em construção.

Porém, Pedro (2007) segue mostrando que a categoria de análise gênero enfrentou dificuldades no campo historiográfico, tendo em vista que a disciplina de História dentre as ciências humanas é a disciplina que se apropriou mais tardiamente dessa categoria, talvez, esse retardo se dê em grande medida pela universalização atribuída ao sujeito da história representado pelo masculino.

Contudo, no Brasil esse tema ainda tem muito o que avançar no que diz respeito a área

da História. É em consequência disso que Pedro (2005) assegura que são poucos os historiadores no Brasil que se propõem a fazer uma reflexão sobre gênero como uma categoria de análise, podendo até haver inúmeras obras que recebam o título desse termo ou inúmeras citações a autoras como Judith Butler e Joan Scott pioneiras dos estudos de gênero, mas que na maioria das vezes não se vê uma reflexão aprofundada sobre o assunto.

A partir disso, é interessante ressaltar o que Pedro (2005) constata nos seus estudos, quando mostra que a todas as palavras existentes na língua portuguesa são atribuídas um “gênero” e não um “sexo”, e pelo motivo das palavras possuírem gênero os movimentos feministas dos anos 80 passaram a substituir a palavra sexo por gênero nos estudos historiográficos desse teor.

Em razão disso, Scott (1995) trás a tona a questão de que só recentemente as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, como uma forma de se referir a organização social das relações entre os sexos, indicando uma rejeição ao determinismo biológico em expressões como “sexo” ou “diferença sexual”. Assim, a utilização desse termo pode ser vista como uma procura por legitimação acadêmica das estudiosas francesas da década de 80, sendo entendido como uma maneira de indicar as construções sociais dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens.

Consoante a essa discussão, a autora ressalta a importância de gênero enquanto uma categoria analítica, mostrando que a razão principal se dá pelo fato de haver uma proliferação nos estudos de casos sobre as mulheres, e por isso a importância de uma teoria que dê sustentação aos diversos debates sobre elas. Outra razão se deve as discrepâncias que havia entre a qualidade do trabalho desenvolvido e a pouca relevância que a academia dava a essas produções, pois as viam como um desafio teórico e por isso a necessidade de uma formulação teórica útil.

Mediante tudo o que já foi mencionado, para Lemes (2021) a história das mulheres começou a ser escrita com mais consistência desde a década de 1970, entretanto, esses estudos sobre as mulheres não focavam em temas como a maternidade com tanta profundidade, sendo muitas vezes mal interpretados por muitas estudiosas como assuntos que não geravam opressão de gênero.

Entretanto, se tais temas não eram até então muito discutidos na historiografia das mulheres, Luana Borges Lemes (2021) por meio dos estudos de O’Reilly demonstra que

assuntos como esses são emergentes nas pesquisas desenvolvidas pela autora, pois para ela esses debates demonstram que a construção de gênero também ocorre por meio da maternidade, diferente do que muitas estudiosas acreditavam, priorizando outras questões em detrimento desta.

Em concordância com isso, se torna interessante ressaltar a importância de estudos sobre a maternidade para a história das mulheres, onde Ana Paula Vosne Martins (2022) problematiza o fato de que a maternidade vem sendo ao longo do tempo naturalizada na vida das mulheres tanto por instituições médicas quanto por religiosas, ou seja, vem se propagando a ideia de que toda mulher é uma mãe, até mesmo as mulheres que não geraram filhos, são elas as principais responsabilizadas por funções relacionadas aos cuidados. É nesse sentido, que muitas estudiosas feministas vão lançar críticas a essa universalização, passando a enxergá-la como uma construção.

Posto isso, essa discussão torna-se necessária, pois “Se observarmos com atenção, é possível perceber de que modo um grande aparato discursivo acerca da maternidade está presente e é repetido em várias instâncias: na escola ou na universidade (como foi dito), em programas governamentais, em dogmas religiosos e, como nos interessa aqui, na mídia contemporânea. (MARCELLO, 2005, p. 83).”

1.2 E a maternidade, como se situa enquanto produção acadêmica?

Para Joana Maria Pedro (2005) as mulheres tem sido ao longo da história invisibilizadas, fato esse que vem sendo alertado por estudiosas feministas como Andrée Michel desde meados de 1979. Por isso, a autora se apropriando dos estudos de Maria Odila Leite da Silva, lança um questionamento interessante, indagando o que acaba tornando a História das Mulheres difícil, se é a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica destas.

Portanto, com o intuito de superar essa invisibilização histórica em torno das mulheres as pesquisadoras vêm buscando destacar as vivências comuns desses agentes, sendo abordados nesses estudos temas tais como a maternidade, e nisto se faz importante o que Ana Paula Vosne Martins (2022) fala, no sentido de que “[...] há um domínio da história das mulheres ainda a ser explorado, pois a maternidade, seja desejada, seja recusada, está no

centro das definições culturais e históricas do feminino, traduzindo o papel que se espera das mulheres na sociedade.”

Em concordância com essa afirmação, o movimento feminista trás inúmeras contribuições aos estudos de gênero, considerado por Vásquez (2014) como um movimento que tem suas bases fundadas no iluminismo e nas revoluções francesas e americanas, ele enxergou a maternidade de várias formas ao decorrer do que chamamos de ondas feministas.

Para Cova (2005) “A maternidade é um tema que ocupa um lugar particular na história dos feminismos”. Com isso, ocorrida no final do século XIX a chamada primeira onda feminista enxergou a maternidade como algo natural, no sentido de que as feministas nesse momento se atentaram a lutar por igualdade jurídica, não questionando o papel que a maternidade exercia sobre as suas vidas, as reivindicações nesse sentido giravam em torno da luta por direitos igualitários aos dos homens, inclusive direitos das mães, como a luta pela licença maternidade e demais pautas.

Já na segunda onda feminista, tendo como principal fundamentação Simone de Beauvoir e a publicação da sua obra “*O Segundo Sexo*”, foi contestado o determinismo biológico ou a função natural da mulher de ser mãe, surgindo agora um feminismo centrado na mulher (VÁSQUEZ, 2014). Logo, a maternidade passou a ser contestada e enxergada pelo movimento como a causa da dominação masculina sob as mulheres.

Referente a isso, Leite (2021) cita o trabalho de Simone de Beauvoir como a obra que lançou as matrizes teóricas do feminismo contemporâneo, em que marcou sobretudo a passagem de um feminismo que se preocupava apenas com os direitos políticos das mulheres, para um feminismo que se preocupava agora com as questões da vida privada do sujeito mulher.

Concernente a esse momento do feminismo situa-se o que Scavone (2001) nomeou de feminismo “igualitário”, que colocou em circulação nos anos 1960 e 1980 os significados da maternidade. Com isso, esses estudos viam na maternidade a razão da subordinação das mulheres, e propunham a recusa da mesma para que fosse alcançada a libertação feminina.

Igualmente, Pedro (2005) se refere à segunda onda feminista como referente à luta pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado, e ressalta que foi nesse momento do movimento que a categoria gênero foi criada e passou a ser utilizada na luta das mulheres e do feminismo.

O terceiro momento do movimento feminista é observado como um novo ponto em relação à maternidade, onde Vásquez (2014) mostra que se estabelece um diálogo mais intenso com as ciências humanas e sociais, enxergando a maternidade como um poder insubstituível das mulheres. Por isso, a partir dessa onda se percebe que não é mais apenas o fator biológico que determina o lugar da mulher nas relações de gênero, mas sim os significados sociais que são atribuídos à maternidade.

Nesse momento, não era mais a maternidade que o feminismo via como o problema, mas sim a divisão desigual que existia entre as mães e os pais, e essa crítica possibilitou as mulheres uma conscientização sobre a escolha reflexiva da maternidade (SCAVONE, 2001).

Portanto, essa etapa que o feminismo alcançou tornou-se importante para as mulheres e também para os assuntos como a maternidade, pois agora se vê a existência de múltiplos femininos, e isso possibilita que a maternidade enxergada por tanto tempo como a única função da mulher, seja ela contestada ou aceita, agora se torne alvo de reflexão.

Contudo, isso não quer dizer que esse momento do feminismo contemplou as inúmeras pautas das mulheres, e assim como Mendonça (2021) mostra, a terceira onda surgiu e foram incorporadas novas perspectivas em relação aos assuntos das mulheres. Porém, apesar disso o feminismo que se preocupa com as demandas das mulheres mães não foi assistido com a mesma atenção pelo feminismo acadêmico.

Portanto, assim como Mendonça (2021) elucida a partir dos estudos de O'Reilly (2016) a maternidade é uma questão pendente do feminismo e por isso as mulheres mães precisam de um feminismo só delas, propondo assim, a construção de uma teoria política e um conjunto de práticas feministas que foquem no materno.

Assim, a autora mediante os estudos de O'Reilly (2016) propõe a formulação do feminismo matricêntrico, pois para ela assuntos como a maternidade e a maternagem foram sumindo do feminismo acadêmico do século XIX. Com isso, esse tipo de feminismo pode atuar politicamente para que mulheres mães possam ressignificar suas vivências e reivindicar por direitos.

Desse modo, Mendonça (2021) mostra que a categoria mulher não dá conta de abranger a categoria mãe, pois esta enfrenta inúmeros problemas. Nesse sentido, ela sugere a formulação do feminismo matricêntrico que seria um movimento próprio das mães, que utilize as demandas e preocupações das mulheres mães como ponto de partida para uma teoria

política que as empoderem. Logo, esse feminismo fomenta o debate da construção de gênero por meio da maternidade.

Outrossim, para Anne Cova (2005) “A história da maternidade é um tema vasto, que diz respeito a vários domínios – à história das mulheres e do gênero, à história política, à história social, à história cultural –, mas também a diversas disciplinas – à sociologia e à ciência política, notadamente.”

De todo modo, para citar algumas produções acadêmicas que temos sobre a maternidade, podemos perceber pesquisas significativas sobre o tema no campo dos estudos de gênero desde meados da década de 1980, no âmbito acadêmico estadunidense e europeu. Logo, Martins (2022) deixa claro que trabalhos como a coletânea organizada pela historiadora alemã Gisela Bock e pela historiadora inglesa Pat Thane “*Maternidad y políticas de gênero (1996)*” publicada em 1991, mostram a complexidade e a diversidade dos estudos que estavam sendo produzidos sobre a maternidade. Para a autora essa obra acaba “abordando o assunto a partir da experiência materna, do envolvimento do feminismo com a questão e da política dos Estados de bem-estar emergentes na Europa (p.2).”

Para Martins (2022) esses estudos ainda começam a dar os primeiros passos no Brasil, envolvendo pesquisadoras não só da área da história, mas também da área da saúde, da sociologia e da antropologia. No que diz respeito às pesquisas históricas a autora afirma que se trata de uma área que ainda está em construção, onde se vê poucos trabalhos publicados, pelo menos ao que diz respeito a um coletivo de mulheres buscando a constituição de uma área de estudo como a da complexidade da coletânea organizada por Gisela Bock e Pat Thane.

Nesse caso, as preocupações e reflexões em torno da maternidade já eram para algumas feministas uma questão recorrente desde o século XX, onde trabalhavam para desconstruir a mitologia da maternidade através da crítica ao patriarcado. A partir dessas contribuições do movimento, vários trabalhos foram produzidos por diversas áreas.

Trabalhos como os de Bandinter (1985) tornam-se amplamente conhecidos, como por exemplo, a sua obra “*O amor conquistado: o mito do amor materno*”, que busca mostrar como se deu o ideal da realização da mulher em torno da maternidade. Nessa obra a autora procura mostrar a variabilidade do sentimento da mulher em torno da maternidade ao longo do tempo, onde resulta na conclusão de que o instinto materno é um mito, não estando obrigatoriamente inscrito na natureza feminina.

Temos trabalhos como o de Fouquet e Knibiehler (1977) “*Histoire des mères du Moyen Âge à nos jours*”, que buscam realizar um apanhado geral sobre a história da maternidade da Idade Média aos dias atuais. A pesquisadora Yvonne Knibiehler publicou inúmeras obras referentes ao tema da maternidade, assim bem como Anne Cova (2005) elucida, dentre essas a pesquisadora escreveu “*La Révolution Maternelle (1997)*” onde analisa através de três gerações de mulheres como a função materna organiza ou condiciona a cidadania feminina.

Em trabalhos como os de Ariéis (1986) “*História social da criança e da família*” o autor mostra de que forma as crianças eram vistas pelas famílias aristocráticas nos séculos XVI e XVII, onde eram misturadas com os adultos nas suas atividades, com isso, nessa estrutura familiar as mães tinham uma preocupação e sentimentos diferentes aos contemporâneos, com relação aos filhos. Logo, a obra demonstra que só após a Revolução Industrial as crianças vão ser retiradas da vida comum com os adultos, e a partir do século XIX vão começar a surgir com abundância literaturas sobre a importância da conservação das crianças para o fortalecimento das famílias. Assim, instaurou-se um modelo de família associada à classe burguesa, onde os filhos passaram a ser vistos como parte importante no núcleo familiar.

Françoise Thébaud no ano de 1986 escreveu “*Quand nos grand-mères donnaient la vie: la maternité en France dans l’entre-deux-guerres*”, em que fala sobre um dos sentimentos da palavra maternidade, sendo entendida dessa maneira, como algo que apresenta vários significados.

Anne Cova ao falar sobre a produção historiográfica em torno da maternidade cita que, vários temas relacionados à maternidade foram objeto de estudos, tais como:

a profissionalização do trabalho das nutrizas (FÄY-SALLOIS, 1980; SUSSMAN, 1982; FILDES, 1988; CLARK, 2000; SCHULTHEISS, 2001) e das enfermeiras (KNIBIEHLER et al; 1984; COHEN, 2000), as questões ligadas ao corpo e à sexualidade, as teorias sobre o matriarcado (ALLEN, 1999). Prática antiga e conhecida em numerosos países, o recurso às amas-de-leite atinge, na França, no século XIX, picos em nenhuma parte alcançados na Europa (p.168, 2005).

Outra obra que vai falar sobre a maternidade no século XIX é o trabalho da americana Rachel G. Fuchs (1992), que desenvolveu um estudo que observa aproximadamente 1.500 mulheres que tiveram filhos na Maternidade de Paris entre as décadas de 1830 e 1900.

Igualmente a esse assunto sobre mulheres grávidas e as que já são mães, Alisa Klaus (1993) desenvolveu o seu trabalho fazendo uma comparação entre a França e os Estados Unidos no final do século XIX até o fim de 1920.

Trabalhos como o de Kimura (1997) “*A construção da personagem mãe: considerações sobre identidade e papel materno*” da área da enfermagem, como o de Moreira (1994) “*Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las*” da Psicologia, mostram como a maternidade tem sido alvo de uma vasta produção acadêmica. Contudo, apesar do crescimento das discussões em torno dela em diversas outras áreas de saber, ainda são poucas discussões na área da História.

1.3 A maternidade como uma urgência histórica

Historicamente a maternidade está no centro das definições culturais na vida de uma mulher assim como já mencionado, posto isso, tanto ela quanto a relação mãe e filho foi vista de diferentes formas ao longo do tempo. Conforme afirma Scavone (2001) o infanticídio até a idade média não era enxergado como um problema pela sociedade, mostrando que a vida da criança e a maternidade possuíam outros valores naquele momento.

Um exemplo claro de como a concepção que se tinha sobre a maternidade divergia da que temos hoje, são as práticas bastante comuns até o início do século XIX que Marcello (2009) trás na sua obra, a entrega dos filhos as amas-de-leite para receber cuidados até aproximadamente os sete anos por outras mulheres e o abandono na roda dos expostos, onde as crianças eram deixadas para serem criadas por freiras e religiosas. Com isso, práticas como essas mostram que sentimentos de amor e cuidados que costumeiramente relacionam-se com a maternidade não são algo natural e inato a mulher, tendo em vista que essas associações recentes ao sujeito mãe.

Essas duas práticas citadas acima, causavam um grande número de mortes de crianças, ocasionadas tanto pela falta de higiene dos hospitais, falta de recursos financeiros e pelas próprias condições que as crianças chegavam nessas instituições (no caso das crianças deixadas na roda dos expostos), quanto pela falta de condições que as amas-de-leite possuíam de cuidar dessas crianças até os seis anos de idade, tendo em vista que elas recebiam salários baixíssimos, viviam em condições precárias e cuidavam de várias crianças ao mesmo tempo. Mediante essas práticas podemos perceber a relação de indiferença que a sociedade em geral

possuía com a vida das crianças.

Pois bem, Marcello (2009) se questiona qual a causa que levou a atitude da mulher em relação aos filhos se modificar. Em vista disso, é interessante ressaltar que por motivos de responder a uma urgência histórica a concepção que se tinha sobre o ser mãe e a sua forma de se relacionar com a criança vai se modificando, posto que esse processo histórico teve sua formação entre os séculos XVII e XIX, juntamente com a conformação dos Estados nacionais.

Sendo assim, as famílias aristocráticas dos séculos XVI e XVII eram compostas por várias pessoas, tais como parentes, dependentes, criados e clientes. Para Resende (2017), nessa organização familiar as crianças eram mal vistas e logo eram misturadas as atividades comuns junto aos adultos.

No século XVII e início do XVIII se pode perceber que a questão da morte das crianças era uma questão banal para a sociedade francesa urbana, assim como pontua Bandinter (1985), o risco da criança não vingar era altíssimo, tendo em vista que práticas como a entrega das crianças a amas de leite e o abandono eram corriqueiras naquele período. Além disso, a morte nesse contexto era tratada como algo familiar, sobretudo por diversas epidemias que devastavam um grande número de pessoas, pela fome e a alta taxa de mortalidade infantil.

As esposas das famílias aristocráticas possuíam a função de ter filhos e de organizar a vida social, não sendo a elas conferida a responsabilidade de criar filhos, pois a vida dessas crianças acontecia no convívio com os inúmeros adultos que moravam com elas, assim, nesse processo não existia identificação parental de quem deveria cuidar desses seres, tendo em vista, que o amor materno até então não era associado à afetividade da mãe.

Com o advento da revolução industrial, a organização das famílias que até então se pautavam nas sociabilidades aldeãs vão transitar para os ambientes privados, fazendo com que as crianças fossem retiradas dos ambientes comuns aos adultos e passassem por um regime de educação antes de se juntar aos adultos.

A partir do século XIX vai surgir uma abundante literatura sobre a importância da conservação das crianças para o fortalecimento das famílias, onde médicos, administradores e militares vão começar a se questionar sobre os costumes educativos do seu século, propondo afirmar o sentimento de família e produzir uma normatização social em torno dela (RESENDE, 2017).

Com isso, Marcello (2009) elucida na sua obra que se torna essencial que se constituísse um processo de incentivo as famílias, especialmente das mães, pois a infância agora vai passar a ser uma fase da vida de grande importância. Assim, para a preservação dessa fase da vida, seria preciso convencer as mães a se dedicarem a cuidar desses agentes, prática essa que parecia estar esquecida ou afastada do seu convívio.

Para Gonzalez e Lopes (2020) “só a partir de 1760 começa-se a se notar uma mudança de mentalidade, graças, em grande parte, a uma enxurrada de publicações que incentivariam que as mães levassem a cabo uma série de práticas de cuidado. Estas práticas, por meio de repetições ao longo de mais de duzentos anos, dariam materialidade ao “amor maternal” como hoje o conhecemos.”

Assim, a partir desse século vai instaurar-se um novo padrão familiar associado à burguesia, em que foram reavaliadas práticas em relação às crianças, sendo elas agora seres importantes para os pais. Em consequência disso, as relações entre os pais e os filhos vão obter um novo grau de intimidade e profundidade emocional.

Em vista disso, as famílias burguesas vão passar a se organizar em núcleos, onde ocasionou a divisão dos papéis parentais, passando a ser conferido às mulheres o sentimento do amor materno como algo natural “que passaram a ter de não só zelar pela sobrevivência dos filhos, mas ter que treiná-los para um lugar responsável na sociedade, uma vez que já se iniciava o cuidado com a educação institucional (RESENDE, 2017, p.177).”

Nessa nova organização das famílias, as mulheres vão passar a assumir a figura central na vida dos filhos, tendo em vista que se estabelecia naquele momento as esferas da vida pública e privada. Logo “Cabia ao Estado administrar às relações de produções e a família as condições de sobrevivência. Deste modo, a criança, até então criada em comunidade, passa a ser responsabilidade dos pais (SCAVONE, 2001)”. Em especial das mães, pois são elas que assumem a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa, enquanto o pai assume a função de provedor.

Agora na sociedade moderna a criança vai ganhar outro valor, pois passaram a ser enxergadas pelo Estado nessa nova lógica capitalista como a futura mão de obra produtiva, que geraria riqueza para a nação, sendo assim, para Marcello (2009) era muito importante para o Estado garantir a sobrevivência dessas crianças como um novo valor em oposição ao Antigo Regime.

Doravante a isso, as mães ganharam nesse momento uma maior importância no núcleo familiar, pois deixando de serem associadas ao negativo, elas eram agora as encarregadas de cuidar e formar além de tudo, cidadãos saudáveis e emocionalmente equilibrados para estarem a “serviço da pátria”.

Relacionado a esse aspecto, para a manutenção dessa nova estrutura estatal se fará necessário o incentivo à proliferação de discursos que relacionavam o amor a figura da mãe, postos como indissociáveis, havendo assim a promoção de um sentimento materno em relação à criança. Portanto, a partir de uma vasta produção discursiva em torno da mulher que a relaciona diretamente com o sujeito-mãe serão produzidas, para citar como exemplo discursos esses como os religiosos, científicos e médicos, vão ser criadas características específicas do papel que se espera que uma mãe exerça. Outrossim, para Marcello (2009)

pode-se dizer que a emergência de um dispositivo da maternidade esteve profundamente imbricado a um conjunto de condições singulares, das quais destacam-se: a formação e consolidação dos estados nacionais no âmbito europeu; a modificação de atitudes frente a criança, agora como merecedoras de cuidados; como a diferenciação dos sexos; do termo ‘mammalia’ na taxonomia zoológica; e as aspirações da Virgem Maria na Europa (p. 231).

Mediante o exposto, por meio de todas essas práticas descritas acima pela autora foi possível a constituição de um dispositivo que opera para a produção de condutas maternas e de sujeitos-mães.

Desse modo, o dispositivo da maternidade ajuda a produzir o sujeito mãe, que para Gonzalez e Lopes (2020) é ele que determina, modela, controla e asseguram os gestos, condutas, opiniões e discursos sobre os sujeitos socialmente designados como mulher.

Ademais, o dispositivo da maternidade faz com que uma mãe não seja apenas aquela que dá a luz a uma criança, mas aquela que cuida de forma zelosa, que assume duplas jornadas pelo bem da cria e faz disso um projeto de toda vida. Nem sempre foi assim, como mencionado anteriormente, mas essa foi a noção de maternidade que se constituiu com a formação dos estados nações até a contemporaneidade. Mãe nesse sentido é aquela que impulsionada pelas demandas sociais prescritivas, tem seus gestos e condutas moldadas pelos discursos do amor materno, agindo em parceria com o Estado na promoção do bem-estar da sociedade.

Assim, Gonzalez e Lopes (2020) afirmam que ao historicizar a criação do amor materno, podemos perceber algumas das artimanhas que o levaram a ser o que é hoje, destacando que o aparato discursivo cria, descreve e projeta o amor materno como algo instintivo da natureza feminina. Assim, os autores mostram como isso se constituiu em um dispositivo, que molda comportamentos maternos e dita como essas “funções” devem ser desempenhadas.

Portanto, o dispositivo da maternidade por meio de redes discursivas que incentivam as mulheres a serem “boas” mães, acaba impondo a elas uma vida cheia de sacrifícios e renúncia em nome do bem estar dos filhos. Por conseguinte, aquelas que não o fazem acabam entrando num regime de culpabilização, sendo acusadas de egoístas ou até mesmo sendo desqualificadas enquanto mulher.

Um exemplo de como o dispositivo dita maneiras específicas de exercer a maternidade são os retornos aos discursos naturalistas que estão sendo propagados atualmente como boas práticas de maternar, onde sugerem as mulheres o estímulo ao parto natural e humanizado, em detrimento do parto cirúrgico. Pois bem, é inegável o fato de que existem inúmeros estudos que demonstram que no Brasil o percentual de partos por via de cesárea está muito acima do recomendado pela OMS, somando no ano de 2007 aproximadamente 43% dos partos no país.

Dessa maneira, Resende (2015) na sua obra se propõe discutir alguns autores que buscam mostrar como o parto natural e humanizado é a melhor opção de escolha para uma mãe, entre eles Castro e Clovis (2005) discorrem incessantemente como o parto natural traz consigo uma “desmedicalização”, sendo um parto com mínimas intervenções médicas e que promove um empoderamento das mulheres em relação ao seu próprio corpo.

Contudo, o que está se propondo discutir aqui, é o fato de que o parto natural e humanizado está sendo incentivado como a melhor escolha para uma mulher exercer a maternidade, e como uma boa prática do parto e do nascimento de uma criança, se contrapondo a outra, acusada de retirar dela o poder de decisão sobre o seu corpo e, além disso, de ser uma forma de parto invasiva a criança, que não se beneficiará das inúmeras vantagens do nascimento “natural”. Havendo inúmeras campanhas de incentivo a esse tipo de parto, por mais doloroso que esse processo possa ser para uma mulher.

Com isso, para Resende (2017) “imperceptivelmente, a natureza, o discurso médico e biologicistas assumem novamente a condição de autoridade moral”. Que por isso, acaba por

inserir as mulheres que se distanciam dessa forma esperada de maternar como agentes irresponsáveis, e que não representam a figura de uma boa mãe que se espera que uma mulher exerça, as situando numa posição de desqualificação e “fracasso” no projeto de maternar.

2 MATERNIDADE E MÍDIA

2.1 O *boom* das mídias digitais e o seu efeito na vida das pessoas

Embora a tecnologia tenha desempenhado um papel importante para organização social em rede, é importante ressaltar que as redes sociais não são um fenômeno novo na história, e surgiram muito antes da explosão da Internet, elas sempre existiram em clubes de amigos, tribos e demais organizações, ou seja, elas sempre se fizeram presentes em locais onde os indivíduos buscam por pertencimento a determinados grupos (ZENHA, 2018).

Sendo assim, antes do surgimento das mídias digitais as redes de interações e de trocas de informações eram criadas mediante o contato face a face entre as pessoas, com isso, essas relações eram estabelecidas por meio de tradições passadas de geração em geração. Contudo, com o aparecimento dessas novas ferramentas midiáticas digitais na contemporaneidade, não se pode negar que há agora a possibilidade de diversas formas de interações e que isso modificou definitivamente as relações humanas, onde em um clique podemos nos conectar com pessoas em diferentes espaços e acessar inúmeras informações de qualquer lugar do mundo que desejarmos.

De todo modo, Vermelho et al (2014) afirma que não é novidade que a cada dia cresce mais no imaginário das pessoas que as tecnologias de comunicação e rede podem ser uma importante ferramenta para promover a comunicação, e em concordância com o autor, de fato não estão apenas no imaginário delas, essas novas tecnologias de comunicação causaram um impacto significativo na vida das pessoas. Assim, esse momento é caracterizado para o autor pela cibercultura, que se constituiu nas décadas de 1980 e 1990 com a informática de massa e a popularidade que a Internet ganhou.

Assim, é importante ressaltar o que Silva e Terssarolo (2016) falam sobre a Internet, mostrando que ela foi criada para compartilhar e armazenar informações que antes poderiam ser perdidas no espaço e no tempo, por isso ela foi criada e conseqüentemente apropriada pelas pessoas ao redor do mundo inteiro, não parando de crescer e revolucionar a sociedade em que vivemos.

Ademais, com o desenvolvimento do ciberespaço e a cultura que foi criada pela sua utilização e popularização surge agora uma sociedade que se baseia na informação e que também é hiperconectada. Especialmente pelo barateamento das tecnologias da informação e comunicação e sua muita utilização pelas pessoas, por meio de Smartphones que cabem na palma das mãos, essa tecnologia pode ser utilizada a qualquer hora e em qualquer lugar.

Desse jeito, a Internet permitiu que fossem rompidas muitas barreiras de espaços entre os indivíduos e possibilitou que novos agentes participem desse processo ativamente como criadores de conteúdos (SILVA e TERSSAROLO, 2016).

Outrossim, afim de definir o conceito de mídia, Vermelho et al (2014) ressalta que está se referindo aos meios de comunicação em massa. Porém, esse termo se expandiu e também passou a ser utilizado para empregar os processos de comunicação mediados pelas redes de computadores.

Nesse caso, torna-se necessário citar o conceito de “Rede” estabelecido por Zenha (2018) para se pensar o conceito na contemporaneidade, em que a autora traça um panorama do mesmo ao longo da história mostrando como ele foi pensado em diferentes temporalidades, sendo alvo de apropriações tanto pela literatura quanto pelos saberes médicos e da engenharia, e como ele seguiu sendo apropriado como um objeto de estudo e de intervenção na sociedade.

Relacionado a esse aspecto, o conceito de rede no século XX pontuado pela autora ampliou-se, sobretudo se focarmos nas interações sociais realizadas por meio do computador conectado a Internet, consistindo em redes conectadas a outras redes. Segundo essa ideia, essas conexões só se tornaram possíveis pela união de três fatores: a expressão da diversidade, a comunicação e os avanços tecnológicos. Junto a esses fatores os aplicativos digitais foram cada vez mais se integrando a vida das pessoas, construindo assim uma nova estrutura na sociedade, baseada agora nessas redes (ZENHA, 2018).

No século XXI com essa nova estrutura social já estabelecida no século anterior vê-se a explosão das interações sociais conectadas pela internet, e com *esse “boom”* dessa rede, muitos indivíduos não conseguem mais viver sem essa conexão e investem cada vez mais tempo e capital nesse mundo virtual, havendo assim a criação de inúmeros perfis nesses aplicativos de diferentes formatos e assuntos, que de certa maneira exercem uma forte influência no cotidiano humano.

Nesse sentido, Zenha (2018) segue mostrando que foram com a expansão desses espaços virtuais que houve a possibilidade da criação das redes sociais *online*, essas como um verdadeiro local de interações e comunicações entre pessoas em qualquer lugar do mundo. Assim, para a autora “Entende-se, como Rede Social *online*, o ambiente digital organizado por meio de uma interface virtual própria [...] que se organiza agregando perfis humanos que

possuam afinidades, pensamentos e maneiras de expressão semelhantes e interesses de temas em comum.”

Para Ranco e Matsuzaki (2009) as mídias sociais consistem no uso dos meios eletrônicos para que haja a interação social entre pessoas, e contam com a combinação de recursos como textos, imagens, sons e vídeos, nos quais possibilitam que seja criada uma interação social de compartilhamentos de experiências. Por isso, os autores nomeiam o termo “redes sociais” enquanto ferramentas digitais que possibilitam a potencialização dessa tendência e alteram as possibilidades das pessoas de se comunicarem. Já para Vermelho et al (2014) as redes sociais digitais se tornaram sinônimo de tecnologias da informação e comunicação, sendo apropriados por várias áreas de saber.

Passadas as definições, é interessante ressaltar ainda que esses espaços de sociabilidade que as redes sociais digitais possibilitaram criam um espaço também de construção de subjetividades. Em que Silva et al (2020) expressa que além das redes sociais hoje serem um meio muito importante de sociabilização, representadas por diversas maneiras e sistemas que caracterizam a expressão de opiniões é um importante veículo de relatos da vida privada das pessoas, elas também são grandes produtoras de subjetividades, que passaram a ser vistas notoriamente nos conteúdos compartilhados.

Por isso, as redes sociais não podem ser vistas como plataformas que carregam objetividade em si, ao contrário, pelo motivo de serem instrumentos criados por pessoas que carregam subjetividades em si, conseqüentemente eles acabam contribuindo como parte da construção das identidades e concepções dos outros indivíduos.

Relacionado a esse aspecto, a subjetividade pode ser entendida como o que inventa e modifica os modos de perceber e sentir dos indivíduos, e em relação com as redes sociais, se coloca como construtoras das imagens dos seus usuários na medida em que expressam suas emoções e sentimentos. Portanto, as relações estabelecidas nas redes sociais expõem e interferem na construção da identidade dos indivíduos (SILVA et al, 2020).

Posto isso, Constantino (2017) torna explícito na sua obra que o processo de subjetivação está sempre incompleto e sempre em processo de formação. Em vista disso, as novas tecnologias em especial as eletrônicas, são de fato um elemento que transforma o processo de subjetivação humana.

A vista disso, como o processo de subjetivação de um indivíduo está sempre em

construção, as redes sociais são ferramentas que interferem de forma significativa nesse processo humano, desempenhando de alguma maneira uma função pedagógica na vida das pessoas, que influencia na decisão de compra, na maneira de sentir e pensar sobre determinadas coisas.

Desse modo, podemos observar como esse processo de subjetivação aparece em uma dessas redes sociais, o Instagram, que se tornou uma das plataformas digitais mais acessadas hoje em dia e por isso, assume hoje o espaço de disseminador de muitas opiniões, possui inúmeros recursos, dentre eles o das imagens, publicação de textos, vídeos e muitas outras funções, tornando a disseminação dos discursos sobre a maternidade e tantos outros possíveis.

Em concordância com isso, para Leite (2021) as relações sociais hoje são mediadas em um contínuo *on-offline* e no que se refere ao tema da maternidade isso se torna cada vez mais visível, pois as maiores consumidoras dos canais que falam sobre maternidade são as mulheres. Com isso, os debates sobre a maternidade estabelecidos nos meios midiáticos digitais, em especial nas redes sociais trazem consigo uma série de novos símbolos e códigos do que se espera hoje do fazer-se mãe.

É nesse território digital que muitas mulheres possuem a possibilidade de pôr muitas discursões em circulação e se sentem à vontade para falar de suas experiências maternas. É visível o aumento no número de perfis que pretendem falar sobre esse assunto, e a constante interação que os mesmos promovem entre os internautas, seja mulheres mães narrando o seu cotidiano, seja de perfis profissionais onde muitos deles sugerem formas de sentir e pensar sobre o tema.

Nesse sentido, podemos perceber como esses perfis possuem um poder de influenciar as mulheres que os acompanham, acabando por inseri-las em um regime de vigilância e de regulamentação, que através dos recursos das imagens, vídeos e textos sugerem alguns modos específicos de ser mãe e não o bastante a isso sugerem modos de ser a “boa mãe” que os filhos precisam, onde as mulheres são atingidas de tal maneira por esses discursos que não só almejam seguir esses padrões, mas se sentem culpadas quando não o consegue fazer.

Pois bem, na atualidade vem se disseminando nos meios midiáticos bem como nas redes sociais, uma imensidão de modelos e discursos referentes à maternidade e ao cuidar. É nesse cenário, que os discursos sobre a “*criação com apego*” como um modelo que sugere boas práticas de criação de filhos, vão tornar-se amplamente conhecidos em perfis da Internet, especialmente no Instagram, pautado pela empresa global de análise de mídias sociais SocialBakers como a rede social de maior engajamento no mundo.

Posto isso, Tayná Leite (2021) cita a existência de oito princípios da criação com apego traduzidos para o Brasil por Thiago Queiroz, que consistem em: preparar-se para a gestação, nascimento e criação, alimentar com amor e respeito, responder com sensibilidade, usar o contato afetivo, garantir um sono seguro físico e emocionalmente, promover contato consistente e amoroso, praticar a disciplina positiva e manter o equilíbrio entre a vida pessoal e familiar.

A criação com apego é entendida por Leite (2021) como um conjunto de práticas e princípios que ajudam os pais a criarem vínculos com seus filhos, através do atendimento consistente e amoroso das necessidades da criança. Assim, nessa área surgem inúmeras influenciadoras digitais que vão buscar ensinar os princípios da criação com apego como uma forma respeitosa, consciente e empática de criar filhos, em oposição à criação tradicional.

Essas influenciadoras, na maioria das vezes possuem publicações de livros, best-sellers, ofertam cursos e ainda possuem muitas visualizações nas informações que postam nas redes, por conseguinte para Leite (2021) esses materiais destacam, sobretudo, a importância da aplicação deste modelo de criação para o desenvolvimento saudável das crianças.

A vista disso, a finalidade aqui não é mostrar que essa forma de criação é a mais adequada ou não em detrimento a outras, mas de problematizar que apesar de estudos como esses estarem de fato ancorados em conhecimentos científicos que mostram a importância da relação afetiva do cuidador principal com criança, especialmente nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento de uma criança saudável, ao mesmo tempo faz-se necessário o que Leite (2021) questiona “A indagação, então, passa a ser: sobre quem recai toda a carga do refletir e, sobretudo, do fazer na criação com apego?”.

Em resposta a indagação da autora, a sobrecarga cai principalmente e na maioria das vezes sobre as mães, pois apesar de estudos como os de Scavone (2021) demonstrarem que existe hoje uma parcela significativa de pais que assumem um comprometimento na criação dos filhos, as mães continuam sendo as mais responsabilizadas nos papéis parentais.

Ademais, é interessante observar que ao mesmo tempo em que representações da maternidade assim como a criação com apego, se colocam como movimentos contra o sistema vigente, os discursos que fundamentam esses estilos de vida buscam cada vez mais validação em instâncias científicas, como na Medicina, na Psicologia e na Biologia (LEITE, 2021).

Discursos como esses buscam se reafirmar enquanto verdadeiros, por estarem

ancorados em conhecimentos científicos, e por isso, para Tayná Kalindi Leite (2021) eles acabam se tornando numa espécie de nova “indústria da maternidade” para mulheres e seus corpos e que também as colocam como alvo de controle social e exercício de poder. Assim, Santos (2019) demonstra que

“Mulheres são induzidas o tempo inteiro a acreditar que estão realmente no controle de suas próprias vidas. Naturalizam toda pressão e toda a opressão que sofrem desde o nascimento. Vivem tão completamente submergidas num estado de permanente coação que sequer conhecem ou reconhecem uma situação em que possam realizar escolhas legítimas sobre si mesma. E essa falácia liberal da escolha é importante para manter mulheres permanentemente culpadas por tudo que acontece em suas vidas e para que não reconheçam quem é o verdadeiro responsável: o sistema machista e patriarcal em que estamos inseridas.”

Outrossim, Leite (2021) elucida que apesar desses discursos buscarem se reafirmar enquanto científicos, muitas mulheres que adotam essa forma de criação se utilizam das redes sociais para obter a maior parte das informações que usam para fundamentar seu processo reflexivo. De fato, poucas mulheres leem na fonte os livros relacionados ao tema, e as que conseguem fazer obtêm as indicações destes a partir das redes sociais. Como exemplo, a autora cita o que uma de suas entrevistadas afirma “às vezes nem é científico... às vezes é científico de instagram, sabe? É só o print mesmo ((risos)) (Camila, 32 anos, mãe de um menino de 17 meses).”

Posto isso, podemos observar também como um exemplo dessa pedagogização que as redes sociais desempenham, como muitas empresas se utilizam das redes sociais enquanto produtoras de subjetividades nas vidas das pessoas para obter mais lucratividade, onde Silva e Tessarolo (2016) demonstram que muitas marcas se desempenham em desenvolver um perfil nessas redes para conquistar a confiança dos seus consumidores e conseqüentemente melhorar os seus resultados de marketing. Mediante a isso, as marcas estão cada vez mais produzindo conteúdos nas redes sociais para influenciar e conquistar o seu público desejado.

Concomitante a isso, trazendo o conceito de representação numérica que estão presentes nas redes sociais, Constantino (2017) explica que todos os conteúdos produzidos no ambiente dessas novas mídias são compostos por códigos digitais numéricos e matemáticos, assim, a partir desses códigos numéricos pode-se compreender como os conteúdos digitais podem ser manipuláveis e programáveis. Por isso, essas novas mídias são pensadas doravante

a códigos já existentes na cultura, e assim, esse conteúdo produzido influência de volta essas camadas culturais da sociedade.

Portanto, é perceptível através dessa ideia o quanto esses espaços de sociabilidade criados pelas redes sociais são imbuídos de subjetividades, de tal maneira, que se observarmos como esses aplicativos funcionam, podemos perceber através do Instagram o quanto essas plataformas acabam sugerindo possíveis outros perfis que se parecem ou combinam de certa maneira com aquilo que estamos comumente habituados a acessar na plataforma, sendo assim influenciados por esses novos perfis que são sugeridos e também atuando como influenciadores.

De todo modo, é por isso que um dos traços importantes que marcam a construção identitária nas plataformas digitais é a participação de outras pessoas nessa construção nos sites das redes sociais, pois ao mesmo tempo em que há a possibilidade de se criar uma rede de interações e conexões da escolha do usuário, também há a possibilidade de ocultar ou priorizar determinados conteúdos em detrimento de outros, tornando visível no seu perfil apenas o que desejar. Logo, se torna evidente que mediante a esses recursos cada pessoa cria a sua narrativa, que se modifica constantemente, sempre em processo ativo (CONSTANTINO, 2017).

Para Constantino (2017) a ideia de capital social se refere aos laços sociais criados e mantidos, e remete a um sentimento de pertencimento e reconhecimento de um grupo social. Portanto, nesses ambientes digitais que permitem interações, gerenciar as impressões sobre algo pode em muitos momentos servir como um meio para se adquirir capital social e pertencer a determinado grupo.

Referente a isso, o ato de criar um perfil na Internet está intimamente ligado à tentativa de mostrar-se de um determinado sujeito, e sendo assim Karkawi (2017) exterioriza que na nossa sociedade atual há uma sustentação da eclosão dos profissionais influencers, tendo em vista que para o autor os influenciadores são aqueles que possuem de alguma maneira poder no processo de decisão de compra, de circulação de discussões e de influenciar o estilo de vida, gostos e bens culturais dos indivíduos que cercam a sua rede.

Destarte, para Silva e Tassarolo (2016) os influenciadores digitais surgem como indivíduos que reúnem e influenciam milhares de pessoas, possuindo a capacidade de mobilizar grandes números de pessoas, pautando opiniões, comportamentos e conteúdos.

Assim, a exposição do modo de vida dessas pessoas, das suas experiências, opiniões e gostos acabam exercendo uma repercussão a muitos assuntos e uma influencia muito grande para as pessoas que os acompanham.

2.2 A maternidade que as mídias digitais constroem

Tendo em vista que a cultura feminina passa por mudanças contínuas ao decorrer do tempo, e que promove conquistas de espaços, inegavelmente ainda existe no imaginário das pessoas uma caracterização da mulher enquanto a figura da mãe seja ela mãe de filhos ou não, a mulher é situada numa posição tradicionalista daquela que cuida, seja dos filhos, pais, irmãos, alunos e pacientes, a lista seria interminável de citar, o fato é que se constituiu culturalmente um imaginário em torno das mulheres situando-as como as responsáveis pelos cuidados.

Relacionado a esse aspecto, é assim que Martins (2022) afirma que apesar das mulheres ativistas terem desempenhado um importante papel na década de 1930, essa atuação ainda foi bem limitada, onde as mulheres não conseguiram espaço nas estruturas de poder criadas pelo Estado, e por esse motivo elas foram incorporadas a atividades relacionadas ao cuidado, assumindo profissões, bem como, médicas, enfermeiras, assistentes sociais e professoras.

Assim, segundo uma pesquisa realizada pelo jornal eletrônico, A Gazeta, de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego no Brasil as mulheres ocupam majoritariamente algumas posições no mercado de trabalho, tais como Professoras nos níveis médio e fundamental elas ocupam aproximadamente 612, 12 mil vagas, 475,3 mil mulheres ocupam a função de Técnicas de Enfermagem, 342 mil mulheres desempenham serviços relacionados à limpeza, 415 mil são Cozinheiras, 241,5 mil são Auxiliares de Enfermagem, 302, 11 mil são Professoras de jovens e adultos, 201 mil são Agentes Comunitárias de Saúde. Portanto, as mulheres na sua maioria acabam desempenhando tarefas profissionais que estão relacionadas ao cuidado, lugar esse tido como do feminino.

Contudo, as mulheres na sociedade contemporânea possuem diversas maneiras de vivenciar suas vidas, havendo a possibilidade de almejar e optar por outras ambições para além da função social que tanto lhes foram atribuídas. Dito de outra forma, apesar de haver ainda uma visão muito tradicional sobre elas, hoje as mulheres podem escolher o projeto de vida que querem viver. Porém, apesar das inúmeras conquistas o papel delas continua sendo

como já mencionado, o da pessoa que assume os cuidados, e isso se torna um dilema, pois são elas as mais sobrecarregadas.

Relacionado a esse aspecto, Lemes (2021) e Mendonça (2021) trazem abordagens semelhantes em seus trabalhos quando citam os dez pressupostos que moldam a ideologia cultural da maternidade patriarcal desenvolvidos por O'Reilly. Dentre esses, se encontra os pressupostos que situam a maternidade em espécies de uma essencialização, ao que diz respeito à ideia de que toda mulher tem a natureza do cuidar, e numa espécie de idealização, que consiste nas características que se espera que toda mulher e mãe possuam.

Portanto, assim bem como esses pressupostos que se instauram em torno da maternidade por meio das ideologias do patriarcado, eles tornam a maternidade em um fenômeno opressivo na vida das mulheres.

Para Silva (2020) apesar de a maternidade ser considerada hoje uma escolha na vida da mulher, principalmente com os avanços das tecnologias contraceptivas, ela ainda é um dilema para elas no que diz respeito conciliar a criação dos filhos com a vida profissional, pois são elas as mais sobrecarregadas nos papéis parentais.

Para Souza (2020), essas escolhas acabam exigindo das mulheres que elas assumam uma postura da famosa “mulher independente” que trabalha fora, cuida dos filhos e na grande maioria da vezes cuida da casa, assumindo uma longa jornada de trabalho, e ainda espera-se nesse sentido, que as mães assumam os mesmos padrões heteronormativos de beleza e sexualidade que é imposto as demais mulheres, se caracterizando por tanto como o momento que mais cobra das mesmas, especialmente das mulheres-mães e isso se acentua com a influência que as mídias digitais exercem atualmente sobre suas vidas.

Para termos uma ideia de como recai sobre as mulheres mães uma alta cobrança em relação à maternidade, em especial sob as mães que trabalham fora de casa, ao pesquisar a *hashtag* #maetrabalhadora aparecem mais de 5 mil postagens apenas no Instagram, que vão desde postagens que falam sobre a cobrança social imposta as mães de que elas precisam dar conta de várias coisas ao mesmo tempo, a postagens que reivindicam por direitos, ou até mesmo postagens de dicas para as mães empreendedoras.

De todo modo, as mães nesse sentido são cobradas a exercer o que Lemes (2021) chama de maternidade intensiva, que implica na criação dos filhos socialmente vista como adequada, onde se exerce uma maternagem guiada por especialistas e métodos que foquem na

criança, esses altamente trabalhosos, emocionalmente desgastantes e caros financeiramente.

Relacionado a isso, os espaços midiáticos digitais assumiram na atualidade um lugar importante na sociedade ao que diz respeito às trocas de intersubjetividades e na construção dos processos de formação identitárias. Por isso, os discursos que são construídos pelos agentes sociais são sustentados pelo reconhecimento midiático, que passa pela aprovação e visibilidade do outro (CRUZ e CONRAD, 2022).

Outrossim, Braga (2020) afirma que os ambientes digitais que a internet criou disponibilizou um espaço social para uma cultura de gênero atualizada e revitalizada, na qual a troca de saberes entre as mulheres instrumentalizou novas gerações de mulheres para o enfrentamento das demandas maternas, da sua sexualidade e da profissão. Com isso, essa movimentação dessas personagens nas mídias digitais possibilita que sejam criados espaços de discussões sobre a maternidade longe do olhar pejorativo que muitas vezes lhes cercavam.

Posto isso, Silva (2020) mostra que são as relações de poder que definem o que é valorizado na sociedade, sendo assim, o poder é a capacidade de influenciar as decisões dos indivíduos podendo ser exercido pela coerção e também pela construção de discursos. Portanto, a presença das grandes mídias digitais e, sobretudo das redes sociais na contemporaneidade resulta nas grandes mudanças nas relações de poder, pois é nesses espaços que vão circular discussões e que vão ser produzidos significados, impressões e sentidos sobre os indivíduos.

Nesse sentido, as tecnologias informativas no geral atuam no nosso século como um novo espaço onde as mulheres podem problematizar as suas identidades, especialmente suas identidades enquanto mães, e é por isso que Silva (2020) ressalta que as redes sociais se difundem pelo mundo inteiro e as problematizações em torno da maternidade ganharam um novo espaço para ser discutidas.

Antes da difusão das tecnologias de informação e dos saberes médicos os assuntos das mulheres assim como a maternidade, eram assuntos tratados dentro das casas de forma privada, considerados muitas vezes até como um tabu pela sociedade. Porém, com a popularização que esses saberes e tecnologias ganharam a maternidade ganhou com o passar do tempo um significado diferente.

Desse modo, inúmeras mulheres têm criado seus próprios perfis na Internet, no qual podem falar sobre maternidade e das suas experiências pessoais, são identificados, portanto,

diferentes perfis nesse meio digital voltados ao tema da maternidade, como perfis afetivos, informativos, sobre a maternidade real, perfis que falam sobre tabus e ativismo, voltados aos bebês, entre outros, principalmente na plataforma do Instagram. Isso indica que ambiente digital está cada vez mais sendo apropriado pelas mulheres, e que esses espaços representam um lugar de acolhimento, de recepção de discursos, depoimentos ou até mesmo de apoio (BRAGA, 2020).

Entretanto, os espaços digitais além de atuar como rede de apoio entre as mulheres que as acessam, lugar de empoderamento e de discursões diversas, elas também acabam por produzir sentidos e significados do que é ser mulher e mãe. Com isso, Tomas (2015) no seu trabalho sobre feminismo e maternidade nas mídias demonstra que a relação entre mídia e maternidade é hoje cada vez mais indissociável, pois os inúmeros produtos de informações voltados aos cuidados dos filhos mostram os meios de comunicação como um espaço privilegiado para disseminação de determinados procedimentos postos como mais adequados na maternagem.

Pois bem, concordando com isso Tayná Kalindi Leite (2021) demonstra que não se deve pensar a Internet como um simples espaço de trocas ou fonte de informação, mas como uma ferramenta que atua na própria constituição das subjetividades dos sujeitos, que permite atualizar e complexificar o debate sobre a maternidade e o modelo de criação vivido pelas mães.

Então, a autora afirma que muitas mães consomem conteúdos produzidos nesse meio, todos os dias e legitimam suas escolhas sobre o maternar elegendo perfis, assim como os do Instagram, como “autoridades da Internet”, perfis e especialistas esses que elas não sabem e nem sentem a necessidade de explicar por que seriam autoridades. Para exemplificar, uma das suas entrevistadas declara “como eu te falei... eu leio bastante. Acho que... a minha fonte maior de leitura tem sido o instagram, assim – mas de fontes legais... eu procuro pessoas legais que produzam conteúdo legal. (Fabiana, 44 anos, mãe de uma menina de 5 anos).”

Em concordância com essa discussão, pode-se dizer que a mídia no Brasil historicamente ajuda a construir o que é ser uma mãe, pois se observarmos o século XIX podemos perceber que nesse período já circulavam diversos periódicos com a finalidade de educar a mulher a ser mãe, onde as mães das famílias burguesas deveriam educar os cidadãos que produziram a futura riqueza da república não mais nos conselhos populares, mas por meio de periódicos, manuais e revistas centrados nos conhecimentos dos homens da ciência

(TOMAS, 2015).

Nesse ponto, a mídia atuou desde o século XIX como um importante meio de trazer as questões das mulheres que até então eram restritas aos ambientes privados ao âmbito público, assuntos esses como a maternidade. Assim, como Tomas (2015) mostra, o conjunto de especialistas, mães e mídia moldavam as novas bases da maternidade na sociedade, onde os processos de comunicação foram de grande importância para a transferência gradativa do aprendizado sobre a maternagem.

Portanto, há um esforço da sociedade brasileira em educar a mulher, propagando de diversas formas, maneiras específicas de sentir-se mulher e viver a maternidade, nota-se isso não apenas pela interferência na criação dos filhos, mas também por determinados padrões em relação ao corpo e aos sentimentos que se acredita que ela precisa possuir.

Através da pesquisa realizada por Cruz e Conrad (2022), se percebe que as postagens nas redes sociais demonstrando uma família idealizada e uma vivência materna satisfatória são mais aceitas e causam muito mais reconhecimento às blogueiras que fazem postagens dessa natureza, do que postagens que falam sobre as dificuldades do maternar. Portanto, o reconhecimento que essas autoras recebem envolve uma dimensão social mais ampla, que reforça o padrão social normativo da maternidade, sendo conseqüentemente mais aceito.

Entretanto, apesar de postagens que circulam em torno de uma maternidade idealizada serem mais divulgadas e aceitas nos espaços midiáticos, isso não implica dizer que as mulheres não estão buscando se distanciar dessa forma idealizada da maternidade. Como por exemplo, temos casos amplamente conhecidos de famosas que buscam mostrar os percalços da vida com os filhos.

Logo, a Revista digital GAÚCHAZH divulgou no ano de 2021 entrevistas de uma série de famosas que se dispuseram a falar sobre as dificuldades que podem ser vivenciadas na maternidade, nomes como Tatá Werneck, Fernanda Lima e Letícia Colin desabafaram sobre como a maternidade foi um processo difícil em suas vidas.

A atriz e apresentadora Fernanda Lima dentre essas mães que participaram das entrevistas citadas pela revista, divulgou na sua conta do Instagram no dia 30 de dezembro de 2021 um texto falando sobre a dificuldade que enfrentou com o sono de um dos filhos e agora com a filha mais nova. Nesse post Fernanda fala sobre as dificuldades que uma mãe ou cuidadora enfrenta nas madrugadas com o sono de uma criança e como isso é extremamente

exaustivo, e parece traduzir o que muitas mães estão passando.

A postagem de Fernanda Lima alcançou uma visibilidade enorme na plataforma do Instagram, possuindo atualmente 15.915 comentários, que vão desde mensagens de apoio a mensagens de mães que se identificam com o que a influenciadora está passando. Com isso, quando uma famosa se abre e fala sobre as dificuldades do maternar, e que isso não é “o mar de rosas” que muitos idealizam, muitas outras mulheres mães veem a possibilidade de buscar distanciar-se de idealizar uma maternidade perfeita e inalcançável.

Em contra partida ao que foi exposto, Meyer (2005) mostra que ainda há um investimento a determinados modos de ser mulher e de exercer a maternidade que várias instituições buscam disseminar, assim bem como as políticas públicas, que acabam atuando como processos subjetivos na vida das mulheres-mães.

Sendo assim, a cultura midiática do ocidente ainda valoriza a ideia em torno da mulher como a “boa mãe”, mas não podemos negar que a maquinaria discursiva produzida em torno dessa ideia se modifica e se ressignifica ao longo do tempo. Ser “boa mãe” na década de 1950 significava entre outras coisas, a presença feminina no lar, cuidando de todos os detalhes do funcionamento da casa. Já atualmente essa maquinaria equilibra a “boa mãe” com a mulher que apesar do trabalho fora de casa, ainda consegue se educar para se fazer presente de uma forma respeitosa e afetiva com seu filho. Não podemos deixar de lado que esse modelo exclui a realidade de mulheres-mães pobres, que sempre precisaram trabalhar para ajudar no sustento de seus filhos e que muitas vezes ajudavam a criar os filhos de outras mulheres quando os seus se mantinham distantes.

Atualmente a mãe não desejada é aquela que não é capaz de atender as demandas emocionais do filho, como o caso que viralizou no Instagram da atriz Fernanda Machado, quando em janeiro de 2017 divulgou na sua página um vídeo do seu filho de um ano e sete meses dormindo em pé no berço, a postagem causou muita repercussão e de certa forma revolta nos internautas, que a acusaram de estar “torturando” a criança, pois não acharam adequado para o seu comportamento que uma mãe deixe uma criança sozinha dormindo em um berço, o comportamento “correto” exigido, por mais difícil que pudesse ser para Fernanda, era que a atriz fizesse cama compartilhada com o filho.

Com toda a repercussão negativa que o vídeo gerou, a atriz deletou o conteúdo da sua página do Instagram e postou em seguida outro vídeo, agora de momentos de trocas de

carinhos entre ela e o filho que trazia o referente comentário, dedicado as mães que já foram julgadas de alguma forma: “Se você não concorda com a maneira que uma mãe educa um filho, tudo bem, as críticas e os julgamentos são inevitáveis, mas não acuse uma mãe de não amar um filho por isso. Ninguém nesse mundo ama mais esse filho do que a própria mãe. Eu acho lindo a cama compartilhada, tentei nos primeiros meses, mas eu não conseguia dormir com medo de sufocar meu bebê. Por isso desisti dessa opção e o Lucca foi pro berço, mas isso não quer dizer que não amo meu filho, que não dou colo para ele...”

A vista disso, apesar da atriz ter dedicado o vídeo às mães que já foram julgadas e mal vistas na sua forma de matinar, o fato de a atriz ter deletado o vídeo anterior e em seguida ter divulgado um vídeo que mostra momentos felizes em que ela dá carinho ao filho e também recebe, demonstra como a cultura da mídia valoriza determinados comportamentos de uma mãe em detrimento de outros.

Portanto, os novos espaços criados pelas mídias possibilitam que as mães criem espaços de interação entre si, que apesar de ainda serem centrados em especialistas, agora também atuam como produtoras de conhecimentos em tais plataformas. Sendo assim, para a autora “O arranjo mãe, mídias e especialistas não deixou de prevalecer, mas parece estar sendo reconfigurado pelas novas mídias e novas possibilidades de interação (TOMAS, 2015, p. 164).”

Sendo assim, com as tecnologias de comunicação e informação os sentidos e representações sobre o feminino ampliaram-se, fazendo que fossem criadas novas expressões ao campo simbólico das representações midiáticas sobre a maternidade. Todavia, apesar desses avanços tecnológicos nota-se ainda uma predominância de pensamentos tradicionais no imaginário e na cultura das pessoas (BRAGA, 2020).

2.3 A politização da maternidade: o que é ser uma boa mãe?

Como já mencionado, a concepção que se tem sobre a família, a maternidade e a relação da mãe com os filhos é algo que se modificou ao longo da história, seja por motivos de corresponder a urgências históricas, o fato é que atualmente existem inúmeras instâncias na sociedade que produzem lugares específicos para o sujeito materno e sua maneira de ser. Sendo assim, circulam cotidianamente muitos enunciados sobre a maternidade que são postos como sendo parte indissociáveis da natureza da mulher, e sobretudo da mulher-mãe.

Logo, as características anatômicas, funções biológicas, cuidados e sentimentos de amor e cuidados ilimitados, conferidos ao corpo feminino e a maternidade não possuem um significado fixo, mas são produzidos e acabam significando algo em culturas específicas. Por conseguinte a isso, algumas representações da mulher e da maternidade dentro de algumas instâncias de poder acabam ganhando legitimidade científica ou se transformando em senso comum, de tal modo que passam a ser vistas não mais como representações, mas como a verdade ou como a melhor maneira de exercer a maternidade (MEYER, 2003).

Com isso, Meyer (2003) aponta nos seus estudos os programas de educação e saúde como uma das instancias sociais que produzem e veiculam representações e identidades para a população materno-infantil, sendo esses, campos de conhecimento com uma certa “autoridade científica” que produzem, atualiza e repetem o que é ser mãe ou até mesmo o papel que esse sujeito deve exercer.

Se observarmos a forma como a maternidade era vista antes do tempo presente, podemos perceber que o olhar que se tinha sobre ela e a sua posterior valorização não possuía o mesmo significado que tem hoje, e isso mudou por motivos de urgências históricas específicas, sobretudo com a consolidação das sociedades modernas as práticas maternas passaram a serem revistas.

Por isso, agora pensando a maternidade como um dispositivo é interessante ressaltar como ele por suas linhas discursivas ajuda a forjar o que se entende por maternidade em diferentes espaços e temporalidades, principalmente se observarmos como o amor materno foi forjado como algo natural e instintivo na vida da mulher. Assim, para Gonzalez e Lopes (2020) se “Destaca, primeiramente, o aparato discursivo que acaba por (performativamente) criar o que descreve (o amor maternal) e o projeta como algo inerente à condição feminina. Logo demonstra como este se converte em um dispositivo que molda comportamentos, estabelecendo como performances de maternidade que devem ser desempenhadas. (p.5)”

Agora, na organização das famílias modernas a autoridade que o pai possuía dentro da casa foi descentralizada e a mãe passou a assumir um papel central na vida dos filhos. Nesse contexto, Aves (2015) afirma que a figura da mãe é cobrada a assumir uma postura daquela que orienta e que educa dentro do lar, sendo imposta a ela uma cobrança de que ela exerça o papel da mãe responsável ou da “boa mãe”.

Para Resende (2017) historicamente o valor que se dá a maternidade, a relação mãe e filho e o amor materno nem sempre foram os mesmo ao decorrer do tempo, sendo que esses

valores são construídos mediante discursos e práticas sociais de dado momento. Em concordância com isso, se entende que havia um forte movimento externo que promovia o sentimento do amor materno, impondo novos padrões de condutas que as mães deveriam seguir.

Por conseguinte, através de muitas instituições tais como a medicina, pedagogos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas que se fortaleceu o discurso das características específicas do papel materno (RESENDE, 2017). Assim, constitui-se na sociedade a ideia do amor materno como algo natural e instintivo na vida da mulher.

Diante disso, como a maternidade passou a ser enxergada de outra maneira pelas famílias burguesas Schwengber e Klein (2019) mostram que foram sendo construídos também, sentidos para o corpo da mulher em um período histórico específico, justamente no momento em que a população entrou na ordem do saber-poder, onde Michel Foucault denominou de “a era do biopoder”. Assim, eram forjadas na modernidade novas condutas para a maternidade, onde os deveres familiares e maternos passaram a serem alvos do Estado e de inúmeras políticas públicas.

A questão aqui abordada é que a vida da criança e também a maternidade possuía outro significado para além do que temos hoje. Por isso, a problemática é como uma não preocupação com a vida da criança se transforma numa questão que se torna alvo dessa grande interferência dos saberes médicos e de diversas produções discursivas, principalmente das políticas públicas de Estado.

Portanto, as mulheres mães eram consideradas pelos médicos como seres frágeis e inferiores, muitas vezes enxergadas também como ignorantes e negligentes, e por isso eles acreditavam que elas necessitavam de conselhos e da popularização dos saberes especializados na saúde (SCHENGBER e KLEIN, 2019). A partir disso, surge agora uma vasta produção discursiva sobre a maternidade, onde Meyer (2005) ressalta que vai ser atribuída a mãe o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo saudável dos filhos com a forma de cuidar e se relacionar com ela.

Outrossim, foi essa imensa produção discursiva que criou determinados sentidos sobre o materno, que para Schwengber e Klein (2019) começaram a situar a mulher-mãe como aquela que por natureza era generosa, possuía o instinto de ser mãe e é disposta a qualquer coisa pelos filhos. Sendo assim, ao longo do século XX foi sendo construída a figura da mãe

responsável, que cuida, educa e dá a vida pelos filhos, se constituindo um novo modelo feminino no qual a mãe cuidadosa é a que cuida da sua cria e de si mesma.

Relacionado ao cuidado da sua cria e de si própria, podemos situar a prática do autocontrole que Marcello (2005) prioriza nas suas discursões, onde o autocontrole é aconselhado às mães produzindo uma maternidade normativa, em que o dispositivo materno por suas linhas de subjetivação cria uma lógica na qual relaciona o autocontrole ao cuidado com o filho.

Sendo assim, a maternidade é normativa no que se refere à norma social, ou seja, as mães precisam assumir determinados comportamentos que muitas vezes são assegurados por lei, e caso o contrário elas podem ser condenadas e excluídas pela sociedade ou até mesmo perder a guarda dos filhos (SOUZA, 2020).

Mediante a isso, Meyer (2005) afirma que há uma “politização da maternidade” que é incorporada pelas políticas públicas e que acaba sendo propagada pelos meios midiáticos no geral, pois ela se articula através dos movimentos e forças sociais que se articulam para produzir práticas e representações sociais do que se espera da maternidade.

Da mesma forma, Meyer (2003) torna explícito que os discursos sobre a maternidade produzidos pelas políticas públicas causam efeitos na vida das mulheres, pois ocasionam uma ampliação e complexificação das normas de condutas que se estabelecem na relação mãe-filho, sendo criadas representações consideradas como indispensáveis no maternar.

Existe por isso na contemporaneidade uma aliança entre mídia e os cuidados corporais, pois através da emergência do saber-poder há um monitoramento dos corpos mediante as informações (SCHENGBER e KLEIN, 2019). Dessa forma, antes mesmo da criança nascer à mãe já começa a ser alvo de políticas de controle, pois desde os primeiros meses da gravidez ela é instigada a pôr o seu corpo e conseqüentemente o seu feto como prioridade antes de qualquer coisa.

Posto isso, se entende que o processo de gravidez está intimamente ligado com o processo de construção de gênero, pois educar as mulheres a se tornarem grávidas e viverem como tal faz parte dos processos que educam sujeitos de gênero. Assim, os corpos grávidos são postos no centro das políticas de gestão da vida, políticas como as de educação em saúde possuem um teor que educam, regulam e posicionam as mães como sujeitos de gênero, que produzem determinadas representações do que é ser uma mãe (SCHENGBER e KLEIN,

2019).

A maternidade está interligada com a construção de gênero desde a infância, pois assim como Marcello (2009) fala, a infância é uma apropriação masculina. Tendo em vista que os meninos são tratados desde cedo como os desobedientes, irracionais e impacientes, enquanto as meninas nesse processo são vistas como as que mais trabalham, que obedecem e seguem as regras, sendo desde cedo refletido nas mulheres a imagem de uma mãe, e não somente isso, mas a imagem de uma mãe cuidadosa. Por isso, desde cedo espera-se que as mulheres sejam maternais, altruístas, zelosas e ternas com relação aos cuidados dos filhos.

Conforme afirma Schwengber e Klein (2019) as políticas educativas incitam que as mulheres mães sejam amorosas, cuidadosas, nutrizes e cuidem do desenvolvimento infantil saudável, que possam cuidar das tarefas domésticas, da educação e da saúde das crianças, sendo ainda mais atingidas por essas políticas as mulheres de classe baixa.

Ademais, dentre os muitos dispositivos que atuam na produção da subjetivação das mulheres-mães na atualidade são o retorno aos discursos naturalistas, que sugerem a normalização de uma mãe que se preocupa em exercer uma maternidade mais naturalista, integral e intensiva (ALVES, 2015). Por isso, esse modelo de maternidade passa a disputar entre as representações da maternidade em um lugar de destaque do que é ser uma “boa mãe”, e discursos como esses acabam se popularizando pelos meios midiáticos na medida em que vão atingindo as camadas menos favorecidas da sociedade.

Um exemplo de como esses discursos estão sendo valorizados como boas práticas do maternar, é essa postagem do @cantomaternar que podemos observar na Figura 1, na qual sugere através de um vídeo de vários animais com suas crias, que as mães precisam agir de forma mais “instintiva”, que os filhos são suas crias e que elas precisam de suas mães.

Figura 1 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE A MATERNIDADE COMO UMA QUESTÃO BIOLÓGICA

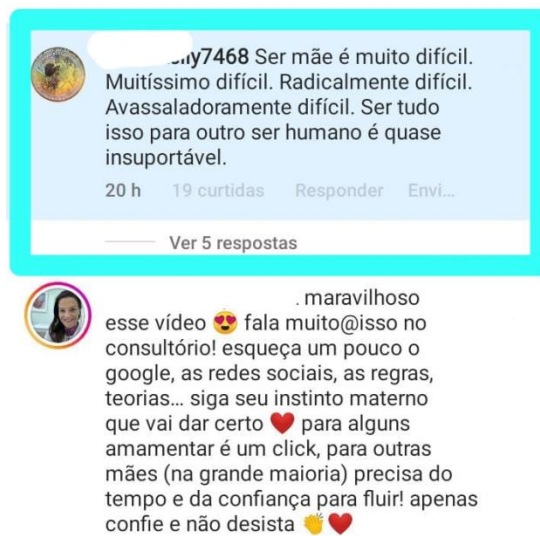


FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2023.

Nesse post, é sugerido as mães que elas devem ser abrigo, colo, alimento, parceiras e suporte físico e emocional para os seus filhos. Com isso, esses discursos biologicistas situam a maternidade na vida da mulher como uma questão inata de seu instinto, muitas delas tomam esses discursos para si como verdadeiros, de maneira que passam a ideia de que basta a mulher ligar-se aos seus instintos que elas conseguirão desempenhar determinadas funções, porque afinal é uma questão “instintiva” de toda fêmea.

Entretanto, apesar dessas falas acabarem fazendo total sentido para algumas mães, assim como podemos perceber nos comentários da Figura 1, no qual muitas mulheres se identificam e até se emocionam com discussões como essas, elas acabam pressionando outra parcela de mães, que reconhecem como podem ser desgastantes e difíceis seguir esses padrões. Apesar de inúmeros comentários afirmativos nessa publicação, na Figura 2 uma mãe desabafa nos comentários sobre como é extremamente difícil conseguir exercer todos esses papéis que essa forma de maternar sugere.

Figura 2 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE UM COMENTÁRIO DE UMA SEGUIDORA



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

Um desses discursos em torno das práticas naturalistas que tem a mulher-mãe como alvo e vem se popularizando são as políticas educativas de incentivo ao aleitamento materno, onde Meyer (2003) evidencia que é algo muito encontrado nos materiais educativos voltados a esse público, mostrando as vantagens tanto para a criança quanto para a mãe, propagando cuidados que elas devem ter consigo e com a amamentação correta.

Dessa forma, o valor de verdade que esses discursos assumem acabam produzindo diferentes tipos de mães e de crianças na sociedade, pois posicionam esses sujeitos enquanto mães e crianças nas intensas redes de vigilância e de regulamentação das políticas públicas de saúde.

Uma outra questão que atravessa essas políticas de incentivo ao aleitamento é que elas acabam se transformando em discursos que possuem um poder de verdade, e as mães que por algum motivo não puderam fazer assumem uma posição de culpabilização, pois se cria um imaginário de que sua incapacidade pode interferir no desenvolvimento saudável dos seus filhos. Assim, Meyer (2003) diz que é preocupante essa rede de regulamentação e controle que se estabelece sob os corpos das mulheres-mães, tornando as mulheres que não puderam amamentar como sujeitos de uma maternidade desviantes ou de risco.

Dado isso, é interessante observar que práticas como essas apesar de fazerem algum sentido, não anula a prerrogativa de que existem em torno delas grandes redes de interesses e

de disciplinamentos dos corpos maternos, que buscam refletir uma ação pedagógica para as mães que as consomem, criando formas erradas e corretas de exercer a maternidade.

Nesse sentido, a figura da mulher-mãe é cobrada pela sociedade a assumir determinadas posturas em relação aos filhos, sendo que algumas práticas são postas como práticas exercidas pela mãe responsável ou pela “boa mãe” em contraste com práticas exercidas pelas mães enxergadas como irresponsáveis ou desleixadas. Com isso, a mãe é alvo de uma gama enorme de investimentos, seja por parte de políticas públicas, discursos médicos, pedagogias ou até mesmo perfis no Instagram, o fato é que cada vez mais se propaga maneiras de ser mulher e de ser mãe.

Em vista disso, há inúmeras interpretações sobre a maternidade, podendo ser enxergada como um símbolo de realização feminina, ou como um símbolo de opressão das mulheres (SCAVONE, 2016), sendo que ambos os casos estão permeados de redes de poder, que buscam vigiar e regular as mulheres.

3 OS MODOS DE INSCREVER A MATERNIDADE NO INSTAGRAM: ANALISANDO O PERFIL @CANTOMATERNAR

3.1 Apresentando o @cantomaternar

Os discursos acerca da maternidade são plurais, dessa maneira “a maternidade real” é um dos assuntos que vem ganhando força nos debates acerca das mídias digitais, sendo ela entendida por Braga (2021) como uma forma de exercer a maternidade sem culpa e sem muitas cobranças, entendendo os desafios e limitações que uma mulher enfrenta na criação dos filhos. Sendo assim, as redes sociais nesse sentido, se mostram como um espaço para essas novas reflexões e discussões, assim, o ato de criar um perfil na Internet sobre o papel materno e a criação de filhos, é uma maneira de desmistificar o ideal de “mãe perfeita” que foi imposto historicamente às mulheres.

Por isso, o @cantomaternar dentre tantos outros perfis que se propõe falar sobre as experiências maternas é o alvo de análise nessa pesquisa, principalmente por estar disseminando através do seu conteúdo modos de exercer a maternidade que a administradora designa serem “reais” e “sem culpa”, ao mesmo tempo em que convida as mulheres mães a se autorregularem para exercerem “boas” práticas maternas. Sendo, portanto, um perfil em que podemos perceber claramente a atuação de um dispositivo que gera práticas maternas normativas.

A partir disso, o @cantomaternar foi criado e administrado por Maíra Soares em maio de 2017, possui atualmente 440 mil seguidores e segue 795 pessoas. Maíra Soares lança sua proposta de maternidade real se propondo ajudar mães a surtarem menos e a praticar uma maternidade sem culpa, por meio da criação consciente e do encontro com a sua criança interior, para Proeiro (2019) a criação consciente se caracteriza como uma nova prática de criar filhos numa perspectiva que promove a sua autoeducação, para proporcionar uma melhoria na relação familiar e no desenvolvimento pessoal. Na Figura 3 vemos a Biografia do @cantomaternar.

Figura 3 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR DA BIOGRAFIA DO PERFIL



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

A influenciadora digital se propõe falar sobre uma maternidade sem culpa por meio do encontro com a sua criança interior, nesse sentido ela parte do conceito de que cada pessoa adulta possui uma criança ferida dentro de si, na qual muitas vezes foi educada nos padrões tradicionais, e mostra a importância das mães olharem para si mesmas com a finalidade de reencontrar essa criança que em muitos casos foi ferida e negligenciada para buscar resolver essas questões. Pois bem, para Maíra é de suma importância que a criança interior de uma mãe seja “maternada” primeiramente para receber cura de processos dolorosos vividos, pois ao contrário, as dores dessa criança ferida e negligenciada vão interferir na forma de se relacionar com os seus filhos.

Sendo assim, a partir da maternidade proposta pela blogueira às mães são convidadas a entrarem numa jornada de autoeducação para maternar a sua criança interior, desse jeito, as mães vão exercer uma maternidade sem que sejam refletidos os padrões tóxicos da educação tradicional que receberam. Com isso, Maíra publica inúmeras imagens, vídeos e textos que enfatizam como é fundamental que esse processo ocorra, assim como no dia 23 de janeiro que ela publicou a seguinte frase “maternar sua criança interior é o maior presente que você pode oferecer aos seus filhos”.

A história do @cantomaternar começa quando Maíra Soares viaja para a Espanha no ano de 2010 para fazer um master em fotografia artística, porém, em decorrência da doença da

sua mãe ela acaba voltando para o Brasil a fim de visitá-la, após cinco dias do seu retorno a mãe acaba falecendo e assim ela volta para Madri no mesmo ano e conhece Afonso pai da sua filha, quando em 2014 eles decidem engravidar. No ano de 2015, Maíra dá a luz a Nara, e relata que a maternidade a virou pelo avesso, e na ânsia de ser a mãe “perfeita” e exercer a maternidade de uma forma totalmente diferente da sua mãe, começou a estudar sobre criação consciente e em processos pessoais de autoeducação e nunca mais parou, fato que fez com que o perfil no Instagram no ano de 2017 e outras páginas em redes sociais fossem criadas, como no Facebook, Twitter, Youtube, Blog, Telegran e Podcast.

Uma questão interessante sobre a trajetória de Maíra até a criação do @cantomaternar é que ela não se interessou por assuntos relacionados à maternidade até se perceber como mãe, tendo em vista que ela possui formação acadêmica em jornalismo, já foi fotógrafa, professora de Português, tradutora e até cantora, a mesma afirma ter começado a estudar sobre a criação consciente e processos pessoais de autoeducação apenas quando engravidou da filha, fazendo também desses conhecimentos a sua profissão.

No seu Blog @cantomaternar.com a influenciadora demonstra que desde que a sua filha nasceu ela não parou mais de estudar, buscando informações sobre a Criação com Apego, Parentalidade Consciente, Disciplina Positiva, Criação Consciente e várias outras correntes que estudam a maternidade e a forma de se relacionar com os filhos.

Assim, apesar de Maíra Soares possuir formação acadêmica em Jornalismo, no seu Blog não há nenhuma menção dessa formação, porém, em contrapartida há menções a aproximadamente 50 cursos sobre o maternar que a influenciadora digital já participou, que vão desde cursos sobre a primeira e segunda infância a cursos sobre comunicação não violenta entre casais, mostrando o fato de que a influenciadora busca mostrar que ela não está falando de coisas aleatórias, mas que possui qualificação no que se propõe falar.

Em consequente, a influenciadora digital apresenta o Canto Maternar como um local que divulga informações de qualidade sobre Criação Consciente, e tudo que possa ajudar a auxiliar pais e mães na busca de conhecimento para educar os filhos de formas mais amorosa, e ainda divulga esse espaço como um lugar de dicas de leituras, oferta de cursos e eventos sobre esses temas.

É fato que as discussões propostas por Maíra Soares nas suas páginas atingem um público alvo específico, em especial no Instagram que é a plataforma mais utilizada pela

blogueira, principalmente se observarmos as postagens que recebem maior interatividade nos comentários. Supõem-se nesse sentido, que as mensagens que ela transmite possuem uma boa receptividade por parte das suas seguidoras porque além de sugerir práticas maternas associadas à figura da “boa mãe”, a influenciadora digital possui um perfil que costumeiramente é mais aceito na sociedade, por ser branca, de classe média-alta, faz parte de uma parcela da sociedade privilegiada que possuiu acesso à formação acadêmica, viajou para fora do país e passou a morar no exterior, se enquadra no modelo heteronormativo que se espera de uma mãe, e dentre outros aspectos.

Perfis de blogueiras como o de Maíra Soares costumeiramente são mais aceitos e possuem mais engajamento do que outros que necessariamente não se enquadrem nesses moldes. Assim, só pelo fato de Maíra ser uma mulher branca as suas discussões já são mais validadas de alguma forma em detrimento de outras, assim bem como Pâmela Dias (2021) demonstra na sua matéria para um jornal eletrônico que dentre os 140 milhões de usuários das redes sociais uma parcela mínima desses usuários são blogueiras negras, sendo que dessa minoria elas ganham até 2,5 menos em campanhas publicitárias do que blogueiras brancas.

Isso, mencionando apenas a sua condição racial, sem contar os padrões heteronormativos e as condições financeiras de Maíra que fazem com que seus perfis na Internet sejam mais aceitos socialmente do que outros que não possuem esses padrões. Com isso, discursos como os de Maíra partem para Leite (2021) “de um lugar predominantemente branco, de classe média, heterossexual e orientado por uma narrativa predominantemente feminina (p.69).”

Seus posts nesse sentido, demonstram que o que Maíra está falando não contempla à realidade de todas as mães, mas são discursos para determinados grupos específicos, assim bem como, em inúmeras de suas postagens sobre a escola da sua filha. A influenciadora sempre menciona a importância de se escolher a melhor escola para os filhos, que os respeite, e faça a criança se sentir acolhida, sem sombra dúvida isso faz total sentido, contudo essas falas são direcionadas para grupos de mães que detêm recursos para escolher uma “boa escola”, sejam recursos financeiros, tempo ou demais condições, a questão é que Maíra acaba não levando em consideração que algumas mães não podem pagar por isso, muitas dependem da educação pública e em alguns casos nem se quer conseguem vaga para matricular o filho numa escola.

Sendo assim, a blogueira se propõe ajudar mães a maternar de forma leve e sem culpa,

mostrando os benefícios tanto para elas, mas especialmente para os filhos dessa forma de maternar. Contudo, ao mesmo tempo em que ela vai mostrando tais benefícios através do seu perfil, ela faz disso seu trabalho, ofertando cursos e mentorias como os da Figura 4, que por sinal não são materiais baratos de adquirir, sendo que alguns deles por serem ofertados em moeda estrangeira, podem chegar a custar no Brasil até 2.500 reais.

Figura 4 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR DEPOIMENTOS DE MÃES QUE COMPRARAM O CURSO



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

Com isso, para validar seus cursos ela mostra uma série de depoimentos de mulheres que já participaram das suas mentorias e como isso transformou a vida delas, tendo em vista que elas tiveram a chance de transformar a sua maneira de maternar. As mentorias ofertadas por Maíra possuem um público alvo específico, e acaba fazendo muito sucesso entre esse determinado grupo de mães apesar de não ser um produto tão barato, de tal forma que a influenciadora criou recentemente um grupo de espera no WhatsApp para as mães que estiverem interessadas em demonstrar interesse na mentoria que ocorrerá apenas no próximo ano, em 2023. Onde podemos observar na Figura 5.

Figura 5 - CAPTURA DE TELA DO GRUPO DE WHATSAPP DA LISTA DE ESPERA DO CURSO OFERTADO POR MAÍRA



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

Assim, a mentoria ofertada pela blogueira é tão procurada por algumas mães que apesar do curso contar com a participação de apenas 30 mães por turma, fazem parte do grupo de espera aproximadamente 99 participantes, ou seja, duas vezes mais o número de mães que o curso comportará.

3.2 O @cantomaternar e a criação com apego

Nas constatações de Leite (2021) “reavivou-se um debate sobre a relação natureza e cultura, com base no feminismo de inspiração ecológica que retorna sob diversos mantos na atualidade, sendo, um deles, o debate acerca do protagonismo da mulher nos processos de gestar, parir e amamentar, e o da própria criação com apego (p.84)”. Com isso, a criação com apego ou criação consciente assim como se queira nomear, consiste num modelo de criação que para autora é tido pelas suas adeptas como uma forma de criar filhos de maneira respeitosa, em oposição à outra desrespeitosa (a criação tradicional). Por isso, essa forma de criação é compreendida como uma oposição à outra desinformada, egoísta, automatizada e de desempoderar a maternidade. Logo,

De um lado, há na criação tradicional a marcação hierárquica entre adultos (educadores) e criança (receptora); nesse arranjo compreensivo, há uma missão civilizatória em relação à criança. De outro lado, na criação com apego a criança é considerada receptáculo de toda a influência como se aquilo que fazemos no parto, na amamentação e nos demais processos envolvidos nesta relação, fosse absolutamente definidor do tudo que a criança virá a ser, sendo, portanto, em muitos aspectos também uma visão colonizadora. (LEITE, 2021, p. 58)

Em consequente, é interessante destacar como as linhas discursivas atuam na promoção e na defesa da criação com apego, apesar desse modelo de criação ser um marco civilizatório moral e ético, que se propõe opositor de outro tido como desinformado e automatizado (LEITE, 2021).

Diante disso, várias mulheres estão se propondo falar sobre essa maneira de maternar nas redes sociais, assim bem como Máira Soares no @cantomaternar, quando em uma de suas postagens descreve a criação consciente como uma forma revolucionária de se relacionar com as crianças e com os filhos, onde é possível identificar com mais clareza o que está por trás de alguns comportamentos dos filhos vistos como inadequados, sem que aja julgamentos e acreditando que a criança é boa porque isso faz parte da sua natureza. Sendo responsabilidade dos pais ou cuidadores ajudá-los a preservar a conexão com sua própria essência.

Desse modo, a administradora da página afirma que a criação consciente é um modelo de criação em oposição à criação tradicional, pois nesse segundo modelo não se costuma acreditar na natureza pura das crianças, acredita-se portanto, que elas precisam ser vigiadas e corrigidas para tornarem-se boas, ou mesmo para não entrarem no mau caminho. Diante disso, a influenciadora mostra que na criação tradicional não se vê o pedido de ajuda que está por trás do “mau” comportamento, e por isso ela não é o modelo adequado de criar filhos.

Tayná Kalind Leite (2021) ao realizar uma pesquisa no Facebook sobre criação com apego, lançou um questionário em determinado grupo e constatou que das 69 pessoas que responderam a pesquisa apenas duas eram homens, significando que essas discussões são apropriadas majoritariamente por mulheres, destas 67 mulheres apenas 17 eram mulheres negras, demonstrando que a grande maioria são brancas, e ainda 57 dessas mulheres se declararam heterossexuais. Embora, a pesquisa citada não possa representar todo o público consumidor dessa discussão na internet e redes sociais, nos ajuda a pensar parte dos que consomem esses conteúdos na internet e que seguem um perfil normativo de maternidade.

Discursos como a criação com apego estão sendo embasados por outros discursos

como os Biomédicos sobre anatomia, como a Endocrinologia, Neurociência, Psicologia e até pela Primatologia, que vão ser essenciais para sustentar essas novas formas de criar filhos. Contudo, além de justificarem as teorias da criação com apego essas áreas que a ancoram também vão situar o corpo e a suposta “natureza” da mulher numa espécie de essencialização.

Esses discursos Biomédicos sobre os corpos femininos vem nos dois últimos séculos insistindo numa naturalização em destacar as diferenças nos corpos femininos e masculinos, buscando promover modelos explicativos do funcionamento dos corpos femininos através de órgãos como útero e ovários, também por meio dos hormônios e recentemente nas distinções genéticas e neurológicas (LEITE, 2021).

É mediante isso, que alguns conteúdos produzidos pelo @cantomaternar estão acompanhando essa tendência, onde tais discursões levantadas pela influenciadora vão ser validadas por esses discursos Biomédicos, como pela Neurociência, que indica para uma educação centrada numa inteligência emocional, assim, para Koelle (2011) a inteligência emocional consiste na capacidade de identificar e lidar com as emoções e sentimentos de si e dos outros indivíduos. O termo popularizado por Daniel Goleman tornou-se atualmente muito difundido no que diz respeito às habilidades comportamentais.

É nessa direção que Maíra Soares fala em inúmeras postagens sobre a inteligência emocional na criação dos filhos, assim como em um dos eventos que a influenciadora promoveu no Instagram, por meio de uma Live no dia 15 de dezembro ela demonstrou a importância de criar filhos fortes emocionalmente, em razão disso, o evento foi promovido com a participação da Pediatra Laura Chavier que também atende como Educadora Parental, se utilizando de discursos centrados na neurociência Maíra fala sobre como é importante que a mãe acolha os filhos nas horas de dificuldades para que eles tenham um bom desenvolvimento cognitivo.

Maíra e Laura de forma descontraída seguem conversando sobre como é errado que os pais, em especial as mães, não acolham seus filhos quando eles precisam. Desse modo, baseadas em vários estudos da neurociência elas vão mostrando como o não acolhimento das crianças pode acarretar em muitas sequelas emocionais na vida adulta, como baixa imunidade, problemas psicológicos, liberação de hormônios inflamatórios e até AVC. Em concordância com isso, Leite (2021) afirma que há uma noção de que a criação com apego é a chave para uma sociedade um pouco mais justa e menos violenta, porém, essa noção além de individualista é o pano de fundo de uma grande sobrecarga que recai sobre as mães.

Nesse ponto “A teoria feminista nos lembra de que, na modernidade, os fenômenos da maternidade e do trabalho de cuidado a ele atrelado sempre fizeram parte de técnicas, estratégias e enunciados construídos a partir de uma biopolítica dos corpos e de indivíduos. É apenas a mesma velha estratégia, com roupagem nova: a regulação social de mulheres e crianças (FOUCAULT, 1988; 1979 apud LEITE, 2021, p.97)”. Portanto, a partir dessas discursões propostas por Maíra as mães são situadas de certa maneira num regime de regulamentação, por isso, elas precisam assumir uma postura daquela que acolhe e acompanha constantemente os filhos, permitindo que as crianças manifestem suas dores, pois caso o contrário, se tornará em um adulto problemático futuramente.

A influenciadora lança um questionamento interessante às mães que vale a pena ser mencionado, ela pergunta “que tipo de adulto você quer formar?”, com isso, ela deixa claro que essas discussões responsabilizam a mãe pelo bom desenvolvimento emocional e equilibrado dos filhos, dessa forma a maneira que a mãe ou cuidador agir com a criança irá interferir na formação desse indivíduo quando adulto.

Mediante isso, algumas das postagens do @cantomaternar tornam-se amplamente valorizadas por suas seguidoras principalmente nos comentários, onde muitas mulheres demonstram se identificar com as mensagens que Maíra publica, deixando comentários afirmativos sobre os temas tratados pela blogueira. Além de tudo, muitas dessas mães enxergam o perfil da influenciadora como um lugar de apoio, onde podem compartilhar ideias e sentimentos comuns na maternidade, assim bem como nessa postagem referente à Figura 6, que recebeu inúmeros comentários afirmativos.

Figura 6 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE OS BENÉFICIOS DA CRIAÇÃO CONSCIENTE



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2023.

Dentre esses comentários, uma das seguidoras demonstra como se sentiu acolhida pelo post de Maíra, que fala exatamente sobre os benefícios da criação consciente para os filhos, e, além disso, como as mães são parabenizadas quando suas crias se tornam capazes de se comunicar de forma inteligente sobre questões que lhes incomodam. Então, a criação consciente nesse sentido é mais uma das muitas formas paradoxais do resgate da “boa mãe” que se preocupa com os filhos.

Destarte, Leite (2021) elucida que os processos reflexivos das adeptas desse modelo de criação são construídos sobre a ideia de “escolhas” e “informações”, onde elas buscam romper com lógica da indiferença e da despreocupação. Contudo, apesar de propor romper com os padrões tradicionais, esse modelo continua partindo da mesma premissa biologicista e essencialista de que as mães estão apenas seguindo seus “instintos”, exigindo para as mães inúmeras cobranças.

Por isso, apesar da criação consciente ser entre os inúmeros modelos em disputa de maternidade uma proposta que se propõe reflexiva, ela vai emergir a partir de narrativas essencialistas e de cuidados biologicistas, não sendo o bastante ser uma mãe, a mulher também precisa encarnar a “boa mãe” ou a mãe que cria filhos de forma correta.

3.3 O dispositivo materno no @cantomaternar

A partir da trajetória percorrida por Maíra Soares, é notável o fato de que a criação de perfis na Internet como o dela, que trás novas discussões sobre a maternidade, só é possível porque o dispositivo materno vem se ressignificando ao longo do tempo, ou seja, quando se fala de dispositivo da maternidade está se falando de formas de ordenamentos e condutas que enquadram maneiras específicas de se exercer a maternidade.

Sendo assim, Marcello (2005) chama a atenção para o fato de que o dispositivo em questão está se atualizando, sobretudo a partir de uma urgência histórica, mostrando como uma não preocupação com a vida das crianças, vai se transformar em uma inquietação com esses agentes que até então não eram notados. Com isso, agora se torna imprescindível que a mulher-mãe seja inserida em todo um aparato de vigilância e regulamentação que cria maneiras específicas de ser e de criar seus filhos.

Marcello (2005) mostra na sua obra de que forma o dispositivo da maternidade é organizado na mídia, de maneira a produzir modos de subjetivação feminina peculiares, dessa maneira, ela analisou como os indivíduos transformam-se em sujeitos-mães nesse dispositivo. A autora privilegiou três técnicas na sua análise, a primeira diz respeito ao controle do sujeito mãe, logo após, vê-se a técnica de auto-organização que o dispositivo sugere, e a terceira e não menos importante, é a forma que o sujeito-mãe é convidado a olhar para si.

Em total concordância com as colocações de Fabiana de Amorim Marcelo, pode-se perceber alguns desses elementos da atuação do dispositivo da maternidade em inúmeras postagens do @cantomaternar, assim como na Figura 7, post do dia 1 de janeiro de 2022, que inclusive teve tanta repercussão que a influenciadora publicou novamente no dia 8 de abril de 2022, recebendo inúmeros comentários de mães que se identificaram com a postagem.

Figura 7 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE A QUEBRA DE PADRÕES TRADICIONAIS NA CRIAÇÃO DE FILHOS



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

Nessa publicação a administradora da página aconselha que os pais olhem para si próprios como uma forma de controlar os seus atos para que não sejam reproduzidos nas crianças o ciclo do que ela vai chamar de “padrões tóxicos” que os cercam, e convida os pais a mergulharem no processo de autoeducação, para que assim eles se auto examinem e reproduzam novos comportamentos que os tornem pais que os seus filhos precisam, remetendo ao controle de si e a prática de autoexaminar-se que o dispositivo sugere para criar corpos passíveis de controle.

Para além do exemplo dessa publicação, a influenciadora digital publica vários outros posts que apesar de fazer muito sentido para as mães que as acompanha, e falar sobre muitos momentos de dificuldades enfrentados por elas, criando uma espécie de rede de apoio, essas postagens acabam inserindo as mulheres mães em um regime de vigilância e de regulamentação, que através dos recursos das imagens, vídeos e textos sugerem alguns modos específicos de ser mãe, e não o bastante a isso, sugere formas de ser a mãe que os filhos “precisam”.

De toda forma, é importante ressaltar que o @cantomaternar enquanto uma ferramenta midiática que interage com diversas mães atua enquanto produtora de identidades maternas, disseminando maneiras de ser mãe, e não apenas isso, criando maneiras de ser uma mãe correta. Como exemplo disso observemos a Figura 8.

Figura 8 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE PADRÕES CORRETOS E ERRADOS NO MATERNAR



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

Nessa publicação a influenciadora lança mão do recurso de duas imagens, uma ao lado da outra, que representa do lado esquerdo a forma “errada” de agir com os filhos e consequentemente a forma não aceita nos padrões da criação com apego, e do lado direito à forma “correta” de resolver a situação, ou seja, a maneira que formará um adulto mais forte emocionalmente. Com isso, o que está em questão aqui não é a conclusiva de que uma das imagens está correta enquanto a outra está errada, mas o fato de que a publicação direciona um determinado comportamento da mãe em relação ao filho, em detrimento de outro, tido como uma maneira de agir inadequada.

Logo, é indiscutível o fato de que o dispositivo em questão permite agora que se tenha uma preocupação maior com a infância e com a criação de filhos, fato esse que até então não parecia ter importância até a conformação dos Estados modernos, contudo, ele também permite que sejam exigidas das mulheres determinadas formas de ser mãe, e que acaba as responsabilizando quase inteiramente pelo bem estar dos filhos, trazendo como consequência uma sobrecarga para a vida dessas mulheres. Vejamos um exemplo disso na Figura 9.

Figura 9 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR COMENTÁRIO DE UMA SEGUIDORA



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

Assim como a Figura 9 nos mostra, a mensagem que Maíra Soares transmite nos leva a pensar sobre como as suas seguidoras recebem essas informações, essa mãe assim como muitas outras que consomem esse tipo de conteúdo faz um relato nos comentários de que apesar de procurar criar os seus filhos com muito amor e diálogo (nos moldes que criação consciente sugere), ela mostra sentir-se culpada por acabar reproduzindo vez ou outra os padrões de comportamentos do seu pai, sob a criação dos seus filhos.

Esse comentário acaba demonstrando como essa forma de criação propagada em perfis como o de Maíra, acaba trazendo um sentimento de culpa para as mulheres mães que não conseguem o tempo todo maternar dessa forma, tendo em vista que apesar da influenciadora direcionar seu conteúdo também para outros cuidadores além da mãe, assim como vimos na pesquisa de Leite (2021) as mulheres ainda continuam sendo as mais atingidas por essas discussões. Sendo assim, podemos perceber que o maternar nos moldes da criação com apego sugerida pelo @cantomaternar ainda cria a ideia da maternidade como uma função ou papel social das mulheres, inclusive na escolha de imagens que compõem as postagens, a maioria relaciona o maternar ao feminino.

O comentário da Figura 9 se faz pertinente no sentido de retratar de que forma muitas dessas novas discussões e conceitos em torno da maternidade são postas em circulação, pois ao mesmo tempo em que perfis como os da Maíra se propõe falar sobre uma maternidade “real” e sem culpa, eles acabam direcionando as mães a se policiarem e a mudar a sua postura em relação aos filhos, para não reproduzir os padrões tradicionais dos seus pais tidos como inadequados, sendo quase sempre são ainda essas mulheres, os sujeitos responsabilizados pela educação e bem-estar das crianças.

Entretanto, apesar de redes sociais, assim como o @cantomaternar, servirem também como um espaço de apoio e trocas entre mães, Cruz e Conrad (2022) afirmam que a criação de filhos é um processo cheio de dúvidas, e por isso as trocas entre as mães nas redes sociais tanto podem ajudar como podem acentuar as opressões dos padrões normativos da maternidade. Como o exemplo da Figura 10, no post de Maíra no dia 14 de janeiro de 2022.

Figura 10 - CAPTURA DE TELA DO @CANTOMATERNAR SOBRE A NECESSIDADE DE SER EXEMPLOS PARA OS FILHOS



FONTE: Instagram CANTOMATERNAR, 2022.

Nesse vídeo, a influenciadora fala sobre a necessidade de ser um bom exemplo para os filhos, pois os mesmos aprendem observando a forma de agir dos seus cuidadores, Maíra através de uma legenda lança a seguinte provocação “o que você está ensinando pros seus filhos?”. Portanto, apesar de inúmeras postagens do perfil atuarem como uma forma de apoio

para algumas mães, elas também ajudam a regulamentar determinadas condutas maternas em detrimentos de outras.

Percebemos assim, ao longo dessa pesquisa como através dos perfis do Instagram, em especial o do @cantomaternar, se produz um espaço de visibilidade para a questão da maternidade e suas dificuldades, já que as mulheres e em grande maioria as mães ao se identificarem com esses perfis também falam de si mesmas e de suas experiências maternas. Logo, ao consumirem as orientações pautadas em uma educação e criação consciente essas mães passam pela técnica do autocontrole e autorregulação. Autocontrole com seus sentimentos, com suas frustrações, com seus medos, autocontrole que sugere conhecimento e informação para obtê-lo. Auto organizar-se, ou seja, se apropriar do maior número de informações e discursos possíveis que ajudem o sujeito-mãe a desenvolver uma prática materna normativa, assim consumir todos os métodos, publicações, orientações, pesquisas que possam contribuir para uma educação afetiva. E não menos importante, o enunciar-se, mostrar o quanto esses discursos sobre educação respeitosa podem ser transformadores, mesmo que custem mais uma vez, a dedicação exclusiva das mulheres.

Para Leite (2021) é necessário desmoralizar e politizar este debate acerca do cuidado no maternar. Para a autora é imprescindível para avançarmos no questionamento, e conseqüentemente na compreensão, de quem se serve dos diversos discursos sobre maternidade que fazem com que "o poder se mantenha e seja aceito simplesmente porque ele não pesa só como a força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso" (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Assim, se queremos democratizar o cuidado, é urgente que se faça, então, "uma crítica à despolitização das relações de cuidado e dos afetos que estas engendram e, sobretudo, à sua consequência: a exclusão, no debate público, de valores, linguagens e preocupações que se estabelecem a partir das posições das mulheres nas relações de cuidado" (BIROLI, 2018, p. 68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje são inúmeros os espaços na mídia contemporânea que criam o que deve ou como deve se comportar uma mulher mãe, sejam quais sentimentos elas devem possuir, de que forma elas devem educar suas crias, a lista seria interminável se fosse mencionar a rede discursiva que se estabelece em torno dessas personagens. Assim, a Internet como um facilitador de inúmeras possibilidades de pesquisa foi para esse trabalho de total importância, tendo em vista, que o Instagram como uma nova possibilidade de estudo possibilita que possamos analisar as formas que as ferramentas midiáticas ajudam na propagação de discursos sobre a maternidade, como também na produção de determinadas representações de sujeitos maternos.

Com isso, a partir da perspectiva de gênero a maternidade na contemporaneidade pode ser abordada em suas múltiplas facetas, podendo ser enxergada de diferentes formas ao longo da história, que vão desde a realização de um ideal feminino a uma das muitas formas de opressão das mulheres. Assim também como ela por ser compreendida,

como constituinte de um tipo de organização institucional familiar, cujo núcleo central articulador é a família. E, mais ainda, foi possível compreendê-la como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente resultado das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro. Esta abordagem contribuiu para a compreensão da maternidade no contexto cada vez mais complexo das sociedades contemporâneas. (SCAVONE, 2001, p. 142 apud LEITE, 2021, p.91).

Ademais, a maternidade como um dispositivo precisou em determinado momento histórico responder a uma urgência, modificando a relação da mãe com os filhos e operando para a constituição de um sentimento de amor materno, por isso, esse dispositivo opera para a produção de condutas maternas e de sujeitos-mães, onde o dispositivo em questão faz com que uma mãe não seja apenas aquela que dá a luz a uma criança, mas aquela que cuida de forma zelosa, que assume duplas jornadas pelo bem da sua cria e faz disso um projeto de toda sua vida. Nem sempre a maternidade foi enxergada assim, mas essa foi a noção que se constituiu com a formação dos estados nações até a contemporaneidade.

A vista disso, o processo subjetivo de um indivíduo está sempre em construção, assim bem como o das mulheres mães, por isso, as redes sociais são ferramentas que interferem de forma significativa nesse processo humano, desempenhando de alguma maneira uma função pedagógica na vida dessas mulheres, influenciando na decisão de compra, na maneira de sentir e pensar sobre determinadas coisas. Com isso, os debates sobre a maternidade

estabelecidos nas redes sociais, em especial no Instagram fonte de pesquisa desse trabalho, trazem consigo uma série de novos símbolos e códigos do que se espera hoje do fazer-se mãe.

Portanto, foi possível perceber como perfis no Instagram como o @cantomaternar que se inspiram em discursos que valorizam o retorno as práticas naturalistas podem atuar como produtores de identidades maternas, pois ao mesmo tempo em que possibilita que as mulheres interajam e até criem redes de apoio entre si, eles também produzem maneiras específicas de maternar, situando as mulheres num regime de regulamentação e de culpa quando não conseguem exercer a maternidade que esses moldes exigem, sendo quase sempre elas as responsabilizadas pelo bem-estar e cuidado dos filhos.

Dessa forma, o conteúdo produzido por perfis como o de Maíra, acaba gerando um sentimento de culpa para as mulheres mães que não conseguem o tempo todo maternar dessa forma, tendo em vista que apesar da influenciadora direcionar seu conteúdo também para outros cuidadores além da mãe, ainda são as mulheres as mais atingidas por essas discursões. Sendo assim, podemos perceber que o maternar nos moldes da criação com apego sugerida pelo @cantomaternar, ainda cria a ideia da maternidade como uma função ou papel social das mulheres.

Logo, os discursos propagados por esse perfil de uma maternidade que se propõe consciente e mais apegada, apesar de se proporem como formas mais reflexivas e informadas de criar filhos em oposição a uma criação tradicional, ainda relacionam as práticas de cuidados ao feminino, buscando justificar por meio de conhecimentos científicos, tais como os discursos Biomédicos e Biologicistas de que esse lugar precisa ser assumido pelas mães, pois as características do seu corpo, como os órgãos, hormônios, por meio de características genéticas e neurológicas indicam que essas funções são do feminino.

Escrever esse trabalho mesmo não sendo mãe ainda, foi muito importante na minha trajetória pessoal. Sabemos que uma pesquisa nunca se finaliza e que a mesma poderia ter avançado em inúmeras outras análises, mas ao produzi-la me permiti pensar a minha identidade feminina, a das mulheres que me antecederam e me criaram e conseqüentemente das tantas outras que convivem em minha vida. Considero essa uma temática de extrema necessidade para pensar políticas públicas voltadas para o maternar, bem como, pautas a serem discutidas nas escolas e em todos os outros espaços necessários.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Karina Mirian da Cruz Valença. A subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais. **Revista Periodicus**, Bahia, 2015.
- ANTUNES, Adriana. Sem idealizações! Famosas abrem o jogo sobre a maternidade real. GAÚCHAZH, Porto Alegre, 2021, Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/maternidade/amp/2021/05/sem-idealizacoes-famosas-abream-o-jogo-sobre-a-maternidade-real-ckobjw0if0045018moeeps83x.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BANDINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. W. Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BRAGA, Adriana. Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais. **Razón y Palabra**, 2020.
- BRIOLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CHEQUER, Abdo. Conheça as 20 profissões mais comuns às mulheres. A Gazeta, Espírito Santo, 2018, Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/economia/conheca-as-20-profissoes-mais-comuns-entre-as-mulheres-0218>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.
- CONSTANTINO, Fernanda Angelo. Construção identitária e gerenciamento da impressão em espaços online de interação. **Comunicologia**, Brasília, 2017.
- COVA, Anne. **História da maternidade: em que ponto estamos?**. Toulouse, n. 21, p.189-211, 2005.
- CRUZ, Milena freire; CONRAD, Kalliandra Quevedo. Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico. **Revista Estudos Feministas**, 2022.
- DIAS, Pâmela. Blogueiras Negras Ganham Menos e São Minorias nas Redes. O Globo, 2021, Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/blogueiras-negras-sao-minoria-nas-redes-ganham-ate-25-vezes-menos-em-campanhas-25305359>> . Acesso em: 02 de Janeiro de 2023.
- FOUQUET, Catherine; KNIBIEHLER, Yvone. **Historie des mères du Moyen Âge a nos jours**. Paris: Montalba, 1977.
- FUCHS, Rachel G. **Poor and pregnant in Paris: strategies for survival in thenineteenth century**. New Jersey: Rutgers University Press, 1992.
- GONZALEZ, Clarissa; LOPES, Luiz Paulo. O dispositivo da maternidade em tudo sobre minha mãe: entextualizações e processos escolares. **Alfa**, São Paulo: 2020.

KARKAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**. São Paulo, 2017.

KIMURA, Amélia Fumiko. **A construção da personagem mãe**: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. Revista escola enfermagem USP, 1997.

KOELLE, Isis. Inteligência Emocional: O que é, Importância e Como Desenvolver. Fia Business School, 2011, Disponível em : < <https://fia.com.br/blog/inteligencia-emocional/> >. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

LEITE, Tayná Kalindi Lipias Vieira da Rocha. **Criação com apego**: narrativas da maternidade apegada, reflexividade e problematizações. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia. UFP Curitiba, 2021.

MARCELLO, Fabiana Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Revista Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, 2009.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio Grande do Sul, 2005.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **História da maternidade**: arquivos, fontes e possibilidades de análise. Disponível em www.amigosdoparto.com.br. Acesso em 19 de Outubro de 2022.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MENDONÇA, Maria Collier de. Maternidade e marternagem: os assuntos pendentes do feminismo. **Revista Ártemis**, 2021.

MEYER, Dogmar. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Revista Gênero**, Niterói: 2005.

MEYER, Dogmar. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Revista Movimento**, Porto Alegre: 2003.

MOREIRA, Maria Iñez Costa. **Aspectos psicossociais da gravidez e suas influências na construção de identidade e nas relações de gênero**. Belo Horizonte, 1994. Tese (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, 2005.

PRAEIRO, Livia. **Educação Parental – criação com apego e criação consciente**. Blog 8 Horas. Disponível em <<https://8horas.com.br/posts/criação-consciente-e-com-apego/>>. Acesso em: 05/09/2022.

RANCO, C.F.; MATSUZAKI, L. **Olhares da rede**. São Paulo: Momento, 2009.

RESENDE, Débora Kopke. Maternidade: uma construção histórica e social. **Revista Pretextos**. Minas Gerais, 2017.

ROSA, Natalie. Pesquisa revela que Instagram é uma rede social mais engajada que o Facebook. Canaltech, 2018. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/pesquisa-revela-que-instagram-e-uma-rede-social-mais-engajada-que-o-facebook-129223/>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

SANTOS, Carine Valéria Mendes dos; CAMPANA, Nathalia Teixeira Caldas; GOMES, Isabel Cristina. **Egalitarian Parental Care**: literature review and conceptual construction. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S.L.], v. 35, n. 2019, p. 1-12, 02 dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35311>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/cmssFM5Fp7BFWtQDj3nttsv/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2019.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: dialogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, São Paulo, 2016.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface – Comunic, Saúde, Educ**, 2001.

SCHWENGBER, Maria Simone; KLEIN, Carin. O conceito de politização da maternidade como legado de pesquisa. **Momento**, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 1995.

SILVA, Caroline Guimaraes. Maternidade, cultura e redes sociais: análise da interação social de mães solo através de netnografia e mineração de dados no Instagram. 2021. Dissertação de Mestrado. **(Mestrado em Comunicação)**. Universidade Federal de Goiás. 2020.

SILVA, Cristiane Rubim; TESSAROLO, Felipe Maciel. Influenciadores digitais e as redes sociais enquanto plataformas de mídia. **Intercom**. São Paulo, 2016.

SILVA, Renata Monteiro et al. A influencia das redes sociais sob a construção da subjetividade humana. **Psicologia. Pt**, 2020.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. Tensionamentos maternos na contemporaneidade: articulações com o cenário brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, 2020.

THÉBAUD, Françoise. **Quand nos grand-mères donnaient la vie**: la maternité em France dans l'entre-deux-guerres. Lyon: PUL, 1986.

TOMAS, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galáxia**, São Paulo, 2015.

VERMELHO, Sônia Cristina et al. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Edu. Soc.**, Campinas, 2014.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam. **Caderno de Educação**, 2018.